

e se as fronteiras fossem outras?

A CULTURA COMO CONEXÃO ENTRE UNIVERSIDADE E CIDADE

ADRIANO CARO FLORIO

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO II

INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
SÃO CARLOS/SP DEZEMBRO DE 2021

e se as fronteiras fossem outras?

A CULTURA COMO CONEXÃO ENTRE UNIVERSIDADE E CIDADE

ADRIANO CARO FLORIO

e se as fronteiras fossem outras?

A CULTURA COMO CONEXÃO ENTRE UNIVERSIDADE E CIDADE

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO II
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
SÃO CARLOS/SP DEZEMBRO DE 2021

ADRIANO CARO FLORIO

COMISSÃO DE ACOMPANHAMENTO PERMANENTE (CAP)

Aline Coelho Sanches
Amanda Saba Ruggiero
Joubert José Lancha
Kelen Almeida Dornelles

COORDENADOR DE GRUPO TEMÁTICO

Miguel Antonio Buzzar

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Aline Coelho Sanches
Instituto de Arquitetura e Urbanismo - USP São Carlos

Prof. Dr. Miguel Antonio Buzzar
Instituto de Arquitetura e Urbanismo - USP São Carlos

Profª. Drª. Ana Cristina da Silva Araújo
Universidade Paulista - Campus Assis

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

FF638e	Florio, Adriano Caro E se as fronteiras fossem outras? A cultura como conexão entre universidade e cidade / Adriano Caro Florio. -- São Carlos, 2021. 102 p.
	Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2021.
	1. Centro Cultural. 2. Cultura. 3. Universidade. 4. Fronteiras. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229



RESUMO

Este trabalho é parte de inquietações acerca do campo da cultura e do espaço público, suas tensões, seus entrelaçamentos, seus atravessamentos e suas relações. Trata dessas inquietações acerca da cultura, da arquitetura, da cidade e das fronteiras, colocando a USP São Carlos, em especial o Centro Cultural USP São Carlos e o Observatório Dietrich Schiel, como lugar de investigação. Um lugar com uma potência muito grande, dada a sua inserção na cidade e sua importância como um equipamento urbano onde cultura e educação se fazem presentes.

Toda a área, de aproximadamente 12 mil metros quadrados, necessita de uma identidade forte e que seja reconhecível como um espaço de cultura e educação do campus. Para isso, o partido projetual parte das ideias de transformação, reapropriação e redesenho dos espaços. Possibilitando, assim, uma maior conexão entre universidade e cidade, potencializando a fruição do espaço público e o uso dos equipamentos existentes na área. A escolha é de uma requalificação da área, pensando em adequações de alguns edifícios, a construção de novos, proposição de novos programas e novas vivências para esse espaço. Após a análise de cada edifício, sua história, e sua adequação aos novos programas propostos, a escolha do trabalho é de retirar alguns edifícios da área a fim de garantir uma unidade arquitetônica e que garanta uma melhor fluidez do espaço. A ideia é reaproveitar e transformar o que for possível e criar novos espaços, para que os novos programas tenham espaços qualificados.

A proposta é estabelecer uma unidade entre os espaços, ou seja, onde a cultura, a educação e a ciência se fazem presentes, mostrando, assim, as diversas áreas de atuação da universidade pública.

Palavras-chave: Centro Cultural, Cultura, Universidade, Fronteiras.

agradeço

*à família, por todo amor, suporte e apoio;
às amigas e amigos, por deixar tudo mais leve e divertido;
às professoras e professores, pela troca;
à equipe do Centro Cultural USP São Carlos e TUSP - São Carlos, pela vivência e parceria;
a todos e a todas que, de certa forma, contribuíram para que essa trabalho acontecesse.*

Obrigado!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
REFLEXÕES	14
<i>sobre cultura</i>	
<i>sobre cidade</i>	
<i>sobre universidade</i>	
<i>sobre fronteiras</i>	
APROXIMAÇÕES NA ÁREA	
duas ideias de cidade	28
<i>sobre são carlos</i>	
<i>sobre a usp são carlos</i>	
<i>sobre o plano piloto do campus universitário</i>	
leituras de são carlos	42
leituras da entrada da USP	54
PROPOSTA	68
REFERÊNCIAS	116

INTRODUÇÃO

introdução

Este Trabalho de Graduação Integrado II parte de inquietações acerca do campo da cultura e do espaço público, suas tensões, seus entrelaçamentos, seus atravessamentos e suas relações. A trajetória percorrida ao longo da graduação me revelou o campo da cultura como uma possibilidade de atuação transversal entre a arquitetura, a cultura, a arte e a cidade. Minha atuação como bolsista e estagiário no Centro Cultural USP São Carlos, me proporcionou vivências e experiências que me fazem acreditar em representações e apropriações - outras - dos sujeitos no mundo.

Foi a partir desse lugar, de aprendizado e de ação coletiva, que o campo

cultural se mostrou como uma potência. Uma potência do encontro, da troca e do di-tri-poliálogo. No entanto, tal potência é intermediada por fronteiras materiais e imateriais, que contribuem apenas para a limitação das possibilidades de vivências dos espaços públicos.

O presente trabalho, portanto, trata dessas inquietações acerca da cultura, da arquitetura, da cidade e das fronteiras colocando a USP São Carlos, em especial o Centro Cultural USP São Carlos, como lugar de investigação. Um lugar com uma potência muito grande, dada a sua inserção na cidade e sua importância como um equipamento urbano onde cultura e educação se fazem presentes.

(...) em meio às adversidades, ao imperialismo, dificuldades econômicas e políticas -, a arte e a cultura brasileira constroem aos poucos a resistência ao fascismo, a violência e a ignorância. Resistiremos e existiremos. Construiremos novas formas de lutar e de se expressar, já que estamos em um outro momento, em que o Brasil vive “tempos interessantes”.

Adriano Caro Florio e Felipe Leme
“O Brasil em tempos interessantes”
POSTO68, n.01, v.01

REFLEXÕES

reflexões

cul.tu.ra s.f.

1 AGR Ato, processo ou efeito de trabalhar a terra, a fim de torná-la mais produtiva; cultivo, lavoura.

2 AGR Ato de semear ou plantar vegetais.

3 AGR A área cultivada de um sítio.

4 AGR Produção agrícola com técnicas especiais; cultivo.

5 BIOL Ato de cultivar células ou tecidos vivos numa solução com nutrientes, em condições adequadas, a fim de realizar estudos científicos.

6 Criação de determinados animais.

7 ANTROP Conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrões de comportamento, adquiridos e transmitidos socialmente, que caracterizam um grupo social.

8 Conjunto de conhecimentos adquiridos, como experiências e instrução, que levam ao desenvolvimento intelectual e ao aprimoramento espiritual; instrução, sabedoria.

9 Requite de hábitos e conduta, bem como apreciação crítica apurada.

sobre cultura

Escrever sobre cultura é uma tarefa difícil, seus significados foram alterados, complementados e reinterpretados ao longo do tempo e é, ainda, um termo presente em diversas áreas do conhecimento. Em seu livro, “Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade” de 1976, Raymond Williams (2007) ao escrever o verbete sobre o significado de cultura, indica que ela é uma das mais complicadas palavras para se descrever. O autor discorre sobre as derivações da palavra, morfologias e significados. A complexidade da/sobre cultura está mais nas variações de uso do que na palavra em si. Segundo Maria Elisa Cevasco (2003), os sentidos que são dados a ela estão inseridos nas transformações sociais históricas, ou seja, a ideia de cultura deve ser entendida na sua historicidade e na sua transformação ao longo do desenvolvimento histórico.

A palavra teve um conjunto de significados ao longo do tempo que vão desde “cultivar” (no sentido das colheitas e dos animais), até “habitar” ou “proteger”, sempre com a esfera do cuidado como pano de fundo. Atualmente, seu significado se aproxima mais a uma referência do “modo de vida” de um povo, de uma comunidade, um grupo social, seus saberes, fazeres e pensares, que carregam as mar-

cas da sociedade e do ser humano. Segundo Stuart Hall (2016), essa virada na noção de cultura segue um entendimento antropológico do termo. A cultura deixa de ser um conjunto material/físico (objetos de arte, por exemplo) para ser um conjunto de práticas. Ou seja, ela estaria no campo do “compartilhamento de significados”, da troca de experiências, da produção e do intercâmbio de sentidos entre os sujeitos.

“A cultura, desse modo, permeia toda a sociedade” (HALL, 2016).

Desse modo, retomando um dos seus significados - o de cultivar -, pode-se dizer que a cultura é um modo de se cultivar perspectivas de futuro, do ponto de vista dos conhecimentos, dos sentidos, sobre como viver, como se alimentar, como habitar. Especialmente no contexto em que estamos, o movimento de pensar a cultura se faz necessário. Pensar a cultura como um caminho e uma saída - não para todos os problemas do mundo, ela não se propõe a isso -, mas a trilhar algo, construir e pensar formas novas de ir em direção a um local comum. No entanto, a complexidade de tal pensamento parece girar em torno da própria contemporaneidade.

Neste momento de suspensão e de transformações tão rápidas dos cenários, como pensar esse tal local comum?

“Cada época tem opacidades particulares e missões urgentes” (BHABHA, 2015).

As opacidades e missões da nossa época, do Antropoceno, é, justamente, viver em um momento de transformações

das dinâmicas, com novas demandas, com novas formas de ser, de estar e de desejar o mundo. Para Jesús Martín-Barbero (2014), as “falas” saíram dos lugares de autoridades e hoje são compostas por outras “falas” e narrativas. São “falas” que lutam por espaço, por validação e por reconhecimento. Por conta disso, elas nos mostram, na medida em que ocupam os espaços antes negados a elas, as opacidades da nossa época e indicam as missões que devemos travar. O local comum deve identificar as opacidades, compreendê-las e trabalhá-las no seu sentido mais amplo.

“É preciso repensar todas as formas de estar no mundo” (KRENAK, 2019).

As diferentes formas de estar, construir e de ver o mundo, a partir dos diferentes grupos humanos e sociais é uma das questões principais e iniciais ao pensar a cultura do ponto de vista democrático e como um direito - direito à cultura.

“Durante séculos a forma de ver o mundo, o negro, o índio, o imigrante, o camponês, o pobre, a mulher não circulou, nem competiu. Como todo sentido cria uma forma de ver o mundo, nós nos acostumamos a vê-lo somente por um número determinado de sentidos e não podemos construir o mundo para outros. Assim, o desafio que tem a cultura, a comunicação e a política é como criar arquiteturas para que todos possam circular e competir” (TORO, 2011).

São nesses sentidos, de circulação, troca, debate e conflito que os direitos culturais se inserem e são entendidos. A ideia de direito à cultura, como um direito fundamental - assim como o direito à mora-

dia, à saúde e à alimentação -, é o direito ao reconhecimento do passado, do presente e do futuro. Só é possível construir um futuro, quando nos reconhecemos no passado e no presente. É uma luta pela memória e pela história.

Paradoxalmente, a cultura é aquilo que permanece e que é inventado, é memória e futuro, é tradição e transgressão. Se considerarmos que vivemos em uma profunda crise das relações entre a memória e a ideia de um futuro, devemos, na fala de Ailton Krenak (2019) “ressignificar nossa existência e diminuir nossa marcha insensata em direção ao abismo” e considerar que alguma perspectiva de saída, o tal local comum, nos é dada quando vozes outras são ouvidas, discursos outros são falados e pessoas outras são vistas.

“Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão do mundo” (BOFF, 1998).

De acordo com Lúcia Oliveira (2018), vivemos em um momento de conquistas e tensões no campo da cultura. Seria possível dizer que as conquistas se constituíram muito mais no aumento da possibilidade de incorporação de novas vozes, atores e sujeitos no debate sobre as práticas culturais. O que pode ser considerado como um movimento de alargamento da noção democrática de cultura levando à incorporação de outras perspectivas. Já as tensões são justamente essas que surgem com esse campo ampliado e alargado da democracia que, por si só, já é um campo de tensionamento.



Foto da exposição “A Mão do Povo Brasileiro”, 1969, no MASP. Curadoria de Lina Bo Bardi. Fonte: IEA/USP.



Manifestantes protestam contra o governo Jair Bolsonaro na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Fonte: REUTERS/BBC News Brasil.

Ato de Indígenas contra a PL940/2007, em frente ao STF. Fonte: Sérgio Lima/PODER360.





Nesse campo de conquistas e tensões, é que o encontro, a experiência e a troca entre os sujeitos se fazem necessários. Esse é o campo da ideia da interculturalidade. Um campo onde são pressupostas outras formas de relações e de negociações entre os sujeitos. Um campo que entende a relação entre os sujeitos, entre os saberes, entre as visões diversas, entre os modos de estar no mundo. Não é o campo da ideia de acomodação das diversas culturais, sem sobreposições, sem entrecruzamentos e intactas. Ao contrário, é um campo que entende a relação *inter-/entre-*, entre os sujeitos, entre os saberes, entre as visões diversas, entre os modos de estar no mundo. É um momento onde as dinâmicas vigentes são postas em jogo, uma forma de pensar o tal local comum de forma transversal, que pressupõe conflitos e embates, mas que, justamente por isso, se mostra como um local de conversa, de diálogo, de troca e adequações. (Bhabha, 2013; Canclini, 2010; Martín-Barbeiro, 2015 *apud* OLIVEIRA, L. 2018).

“Que instituições culturais estão abertas a essa dinâmica?” (OLIVEIRA, L. 2018).

As instituições culturais devem repensar o seu lugar nessa dinâmica que surge. Os cenários estão se transformando, a ideia de um pensamento comum, uma nova forma de se pensar a cultura está colocada. Como dito acima, a interculturalidade não é mais o local da acomodação e sim da troca entre sujeitos, ou seja, não é mais possível pensar a cultura sem os interessados participando.

reflexões

“A cultura atual é troca permanente, performativa, interativa, que promove a experiência do diverso, a capacidade de afetar e ser afetado, de surpreender-nos” (OLIVEIRA, L. 2018).

A partir dessa visão da cultura como direito, como pertencimento a um passado, um presente e um futuro, como encontro e troca entre os sujeitos e de uma cultura além, *inter-*, é que retorna a questão de Bernardo Toro, como criar arquiteturas para que todos possam circular e competir? E poderíamos completar, como criar arquiteturas para que todos possam circular, competir, tensionar, intercambiar e se relacionar em um local comum?

A ideia de cultura aqui trazida coloca no centro da discussão os interessados - os sujeitos - e como os espaços podem ser construídos - material e imaterialmente. Desse modo, as instituições culturais, pensadas a partir de suas arquiteturas e das dinâmicas culturais contemporâneas, são colocadas a pensar como possibilitar, dentro de si, espaços de encontro, de troca, de tensões e de contradições, gerando um local comum intercultural.

Imagens da página anterior:
Movimento de derrubada das estátuas de 2020.
Fontes:
REUTERS/VEJA
Harry Pugsley/SWNS
Renovamídia



Nesta página:
Capas dos catálogos das exposições do MASP.
Fonte: Loja MASP.

sobre cidade

“As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa” (CALVINO, 2017).

ci.da.de s.f.

1 Grande aglomeração de pessoas em um área geográfica circunscrita, com inúmeras edificações, que desenvolve atividades sociais, econômicas, industriais, comerciais, culturais, administrativas etc.; urbe.

2 O conjunto de habitantes dessa área geográfica.

3 O centro comercial.

4 O local mais antigo ou mais central de um complexo urbano.

5 Sede municipal, onde se concentram as atividades administrativas.

6 A vida urbana ou agitada.

7 Local urbano em que se concentravam as pessoas cultas.

Em uma reflexão mais teórica, sob o ponto de vista da cultura, a cidade é a primeira e decisiva esfera cultural do ser humano. É na cidade que existimos - os diversos sujeitos, corpos, vontades, expressões, desejos e medos. E, na possibilidade de fazer e refazer, pensar e repensar as cidades é que está um dos nossos mais importantes direitos humanos (HARVEY, 2013). A noção de cidade como um lugar onde a diversidade reside é muito importante para se pensar um lugar coletivo e de transformações constantes. A ideia de fazer e refazer as cidades, como escreve David Harvey (2013), vai de encontro com a noção de Henri Lefebvre de pensamentos e ações que vão de encontro a “possibilidades que mostrem novos horizontes e caminhos” em seu livro *O Direito à Cidade* (2001 [1968]). Ou seja, se é na cidade que temos a nossa mais potente expressão cultural, é nela também que devemos enxergar possibilidades de se construir um futuro outro, do lugar comum.

Assim como o direito à cultura, o direito à cidade (LEFEBVRE, 2001 [1968]) é uma forma de se pensar em um futuro. Ele é coletivo e pertence ao escopo dos direitos humanos, dos direitos civis, políticos, sociais, econômicos e culturais. Para

reflexões

Henri Lefebvre (2001 [1968]) “a cidade se define por seu valor de uso”, ou seja, muito além do que um valor comercial, a cidade é aquilo que ela tem como potência para ser - *usada* - pelos seus habitantes, em uma dinâmica rápida de transformação dos desejos e vontades. Por tanto, a partir da noção de coletividade do direito, a ideia de um projeto de cidade, tendo como ponto de partida as vontades de uso dos seus habitantes, é possível ser elaborada.

Segundo Vera Pallamin (2015), atualmente, as lutas sociais e coletivos artísticos e culturais vêm tomando diferentes frentes de batalha, sempre aprofundando as reivindicações ligadas ao direito à cidade, como a moradia digna, o acesso ao trabalho, à produção e fruição das atividades culturais e a democratização do patrimônio público de bens culturais e espaços livres. Portanto, o direito à cidade é, também, o direito ao espaço público democrático, onde entende-se como o local do encontro, da criação e da participação coletiva, sempre a partir da troca e, conseqüentemente, do dissenso.

“O dissenso relaciona conflitos existentes na constituição do que é visível, pronunciável ou possível em tais espaços” (PALLAMIN, 2015)

Nessa perspectiva, de uma multiplicidade de sujeitos que buscam espaços nas cidades para reafirmar suas diferenças - dissenso -, é possível ver o desperpício que os espaços públicos possuem. Na ideia de Montaner e Muxí (2015 *apud* CONTARIM, 2018) para que esses espaços tornem-se democráticos, a sua reconversão deve seguir quatro eixos de transfor-



mação: a igualdade, a diversidade, a participação e a sustentabilidade.

A *igualdade* se aproxima aos diversos direitos já citados - direitos humanos, à moradia, à cultura, à cidade, entre outros. Pensando contemporaneamente, o princípio de igualdade refere-se, também, às questões de gênero, sexualidade, orientação sexual, etnia e religião.

Ela se aproxima, também, do eixo da *diversidade*, uma vez que o momento em que vivemos é resultado de uma série de desdobramentos históricos, que tem como resultado uma sociedade globalizada e com cada vez mais disputas no campo cultural. A diversidade cultural e a interculturalidade são os valores primordiais que o espaço público deve pautar.

Já a *participação* se aproxima de um instrumento no qual o cidadão produz o espaço urbano democrático. É o momento em que a troca e o envolvimento possibilitam as diversas vozes serem ouvidas e reconhecidas na cidade.

Por fim, a *sustentabilidade* é a mirada que deve ser seguida para a transformação desse espaço, considerando o momento atual e as perspectivas de um futuro sustentável e ecológico.

“Os espaços democráticos devem ser (...) pensados para reforçar os laços dentro da comunidade, com projetos que favoreçam a inter-relação, potencializam a igualdade e a justiça, baseiam-se na participação e na intervenção dos usuários e são mais sustentáveis por tentarem levar em consideração as condições de lugar e cultura e os imaginários, as necessidades e os movimentos de seus habitantes” (MONTANER; MUXI, 2015 *apud* CONTARIM, 2018).

Nesse sentido, o que podemos aprender disso é que todos esses discursos - de uma ideia nova de cidade, eixos que guiem um espaço democrático, dos dissensos, das trocas e dos direitos citados - são conceitos e ideias que nos fazem pensar qual é o espaço, cidade e futuro que queremos. Pois, o futuro para *alguns* não é o que considera *todos* e, no sentido contrário a isso, devemos ir em busca de um futuro *entre-/inter-* saberes, seres e histórias.

u.ni.ver.si.da.de s.f.

- 1 Qualidade do que universal; totalidade, universalidade.
- 2 Instituição de nível superior, responsável por ensino e pesquisa, constituída de várias faculdades que preparam os alunos em diversas áreas profissionais, conferindo-lhes diploma em nível de graduação. Oferece, também, cursos de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado em diversas áreas do saber.
- 3 Conjunto de edifícios onde funcionam os diversos setores dessa instituição.
- 4 Conjunto de professores, alunos e funcionários dessa instituição.

sobre universidade

É a partir dessa linha de pensamento que a universidade se coloca na discussão, como um espaço potencializador desse debate, em que é possível estabelecer novos discursos e pensar em possibilidades diversas. A história de constituição das universidades passou por modificações e transformações tanto na sua relação com a cidade e a sociedade, quanto no seu papel político, econômico, cultural e social. Assim como a cultura, a universidade também deve ser entendida inserida nas transformações sociais históricas, que foi o que determinou toda a sua estruturação, desestruturação, evolução e revolução no tempo.

Para Elaine Calderari (2017), na sua tese de doutorado, *(Des) Continuidades e rupturas nos espaços urbanos contemporâneos. Reflexões sobre o papel dos novos campi universitários*, três períodos históricos poderiam ser identificados para entender a inserção da universidade no espaço urbano. Um primeiro momento onde se deu a constituição das universidades - dentro das cidades - no período da Idade Média e associadas às estruturas religiosas. Até o século XV elas eram ligadas à Igreja e seus espaços físicos eram diretamente relacionados com os espaços religiosos, somente a partir do século XV é que as universidades passaram a se estabelecer fora dos espaços religiosos, tendo edificações próprias, marcando o início da separação entre a fé e a razão, constituindo um símbolo para a cidade. (RODRIGUES, 1997 *apud* CALDERARI, 2017). As escolas de ensino superior e até mesmo dos mais jovens não tinham separações físicas com a cidade,

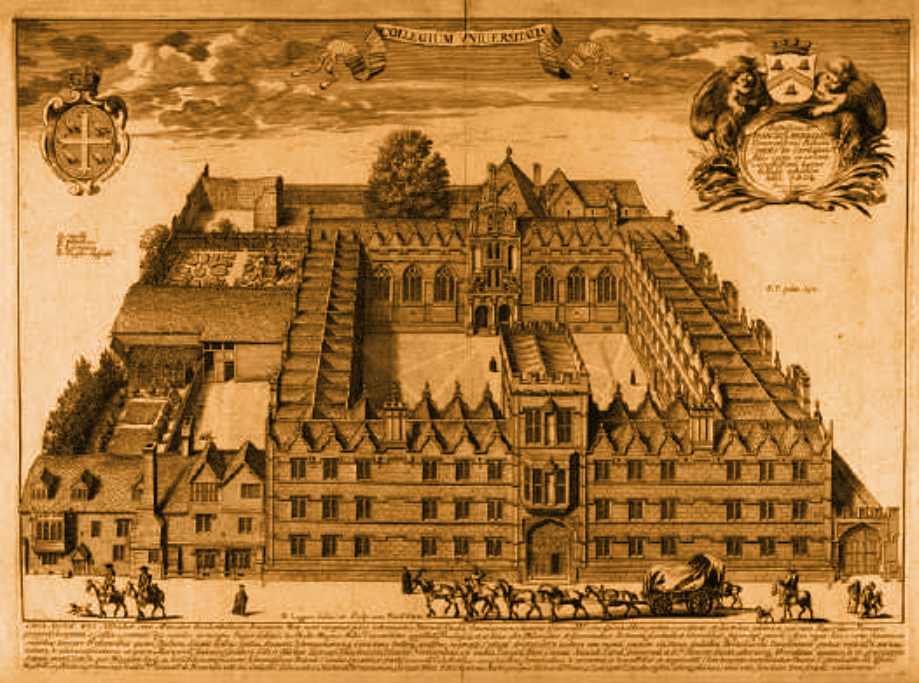


Imagem da conformação do “College” de Oxford, Inglaterra.
Fonte: Wikimedia.



Desenho da Universidade da Virgínia, EUA, em 1825.
Fonte: ResearchGate.



Imagem aérea do campus 1 da USP São Carlos
Fonte: Sala de Imprensa USP.

seus próprios edifícios que marcavam os limites entre o espaço urbano e o espaço de ensino. O que caracteriza as funções integradas desses espaços com o tecido urbano. A partir do aumento da estrutura das suas estruturas - físicas e educacionais -, as universidades passaram a ser consideradas como espaços universitários e não mais como edificações voltadas para o ensino, ela passou a ser estabelecida na escala urbana. (CALDERARI, 2017).

No segundo período, de fim da Idade Média e início do Renascimento, indicado por Calderari (2017), é onde os campi universitários começam a ser formados. Foi um momento de aumento da influência da universidade como instituição isolada, aumentaram significativamente suas estruturas - em razão do aumento da procura por parte da burguesia em ascensão. Os campi universitários se difundem a partir das universidades norte-americanas e passam a ser símbolos de modernização e desenvolvimento das cidades. No entanto, não tiveram apenas modelos norte-americanos, na Europa outras formas de configurar os campi foram dadas, mas sempre mantendo a ideia de maior separação entre a cidade e o campus universitário. Um aspecto importante, levantado por Calderari (2017) foi o início de um processo de padronização dos desenhos urbanos, com eixos simétricos margeados pelos edifícios, com um eixo central onde se localizavam os equipamentos coletivos - biblioteca, praça, etc - simbolizando o espaço de convívio, permanência e a capacidade de relações sócio-culturais.

Por fim, o terceiro e último período que a autora considera - do pós-segunda

reflexões

Guerra Mundial -, é o da constituição das Cidades Universitárias, materializando-se “como símbolo de progresso e modernização e relacionada à busca de conceitos de modernidade e desenvolvimento de recursos humanos aplicados na conformação espacial das cidades” (CALDERARI, 2017). Para Segawa (1999, *apud* CALDERARI, 2017):

“assim como os núcleos urbanos coloniais latino-americanos constituíram a aplicação das teorias das cidades ideais do renascimento, as cidades universitárias de meados do século XX foram campos experimentais do urbanismo moderno, das doutrinas do CIAM e do planejamento norteamericano”.

O que caracterizou campi universitários “isolados e dispersos em edificações espalhadas no coração da cidade, num único lugar afastado do núcleo urbano tradicional, num processo de agrupamentos de escolas, serviços e alojamentos” (SEGAWA, 1999 *apud* CALDERARI, 2017).

No contexto brasileiro, e também latino-americano, entre os anos 1920 e 1970, até 1990 foram instalados campi universitários em diversos contextos conflituosos, como ditaduras e processos de redemocratização. Isso tudo, definiu implementações que seguiram determinações e imposições de configuração espacial, sempre influenciadas pela atuação de forças sócio-políticas, ora com discurso progressista, ora autoritário.

Contemporaneamente, a ideia de campus nos tecidos urbanos das cidades enfrenta outros questionamentos, reflexões e desafios. Os espaços universitários

(seja pela sua estrutura e/ou instalações físicas ou em seu formato de campus universitários de uso público) podem ser considerados equipamentos urbanos estratégicos. A hipótese defendida por Calderari (2017) é a de que quando articulados no tecido urbano da cidade, os campi universitários garantirão espaços para a promoção de vivências e de manifestações da sociedade. Considerando a localização, as relações e articulações com o entorno e na cidade, o campus universitário pode ser considerado um espaço para além da produção de conhecimento ou de espaços funcionais e técnicos, mas também como espaços que promovem significativas transformações e compartilhamentos de funções urbanas e utilizados como espaços públicos, abertos, inclusivos e acessíveis a toda a população.

Ou seja, do mesmo modo que nos espaços públicos, a ideia de Montaner e Muxí (2015 *apud* CONTARIM, 2018) - dos eixos para tornar um espaço democrático -, também se aplica ao campus universitário, dada sua condição pública, de acessibilidade e inserção no tecido urbano, um espaço que não é apenas técnico, mas sócio-cultural.

sobre fronteiras

E se fossem outras?

O processo de pensar *fronteiras* pode se transformar em um processo crítico de entendimento dos seus diversos significados. De modo geral, as ideias de fronteiras que hoje habitam o *hall* de significados da palavra, vão desde os limites e as bordas entre países e territórios - que, em sua grande maioria, são barreiras físicas -, até à possibilidade de invisibilização dos sujeitos.

As fronteiras, portanto, passam a ser entendidas, não apenas pela ideia de limite, mas também como relação - social, cultural, política e econômica. E aqui reside a potência da arquitetura e do urbanismo em aproximar esses significados e trabalhá-los. Muito longe de colocar a disciplina como solucionadora dos problemas estruturais da sociedade, ela é entendida aqui como potência para um pensamento, uma proposição e experiência dos espaços, tendo como mote esses questionamentos.

Por tanto, o processo de desenvolvimento deste trabalho se pauta em uma convergência de sentidos da ideia de *fronteiras*, e se pauta em uma leitura crítica acerca desse elemento - ora físico-material, ora imagético-imaterial. Algumas proposições são importantes destacar para pensar em como trabalhar com esse elemento. Evidenciar, ultrapassar, atravessar, refazer, saltar, romper, apagar...

iron.tei.ra *sf.*

1 Parte que corresponde ao limite extremo de uma terra, área, região etc., a parte limítrofe de um espaço que confina com outro.

2 POR EXT Espaço contíguo a esse limite extremo.

3 Limite, marco ou linha divisória entre duas regiões, dois estados, países etc.

4 POR EXT Marco ou limite extremo de alguma coisa, principalmente de um espaço; termo, fim.

5 FIG Ponto extremo, mais avançado ou mais profundo, de algo de caráter abstrato.

6 FIG Estado, condição ou situação limite; raia, limiar.

7 FÍS Limite material que separa um sistema físico e sua região externa; separação estabelecida entre um sistema e seu exterior.

8 MAT Conjunto dos pontos situados nas linhas fronteiras de um conjunto qualquer; contorno.

9 MIL, ANT Denominação atribuída a guardas de fronteira ou a expedições militares encarregadas de zelar pelas regiões de fronteiras de países.



Muro na fronteira entre o México e os Estados Unidos.
Fonte: Adrees Latif/Reuters.



Intervenção no muro da fronteira entre o México e os Estados Unidos.
Fonte: Herika Martinez/AFP.



Vista aérea do campo de refugiados de Zaatari
Fonte: Archdaily/Wikimedia.



Manifestações pró e contra o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, 2016.
Fonte: Juca Varella/Agência Brasil.

APROXIMAÇÕES NA ÁREA

duas ideias de cidade

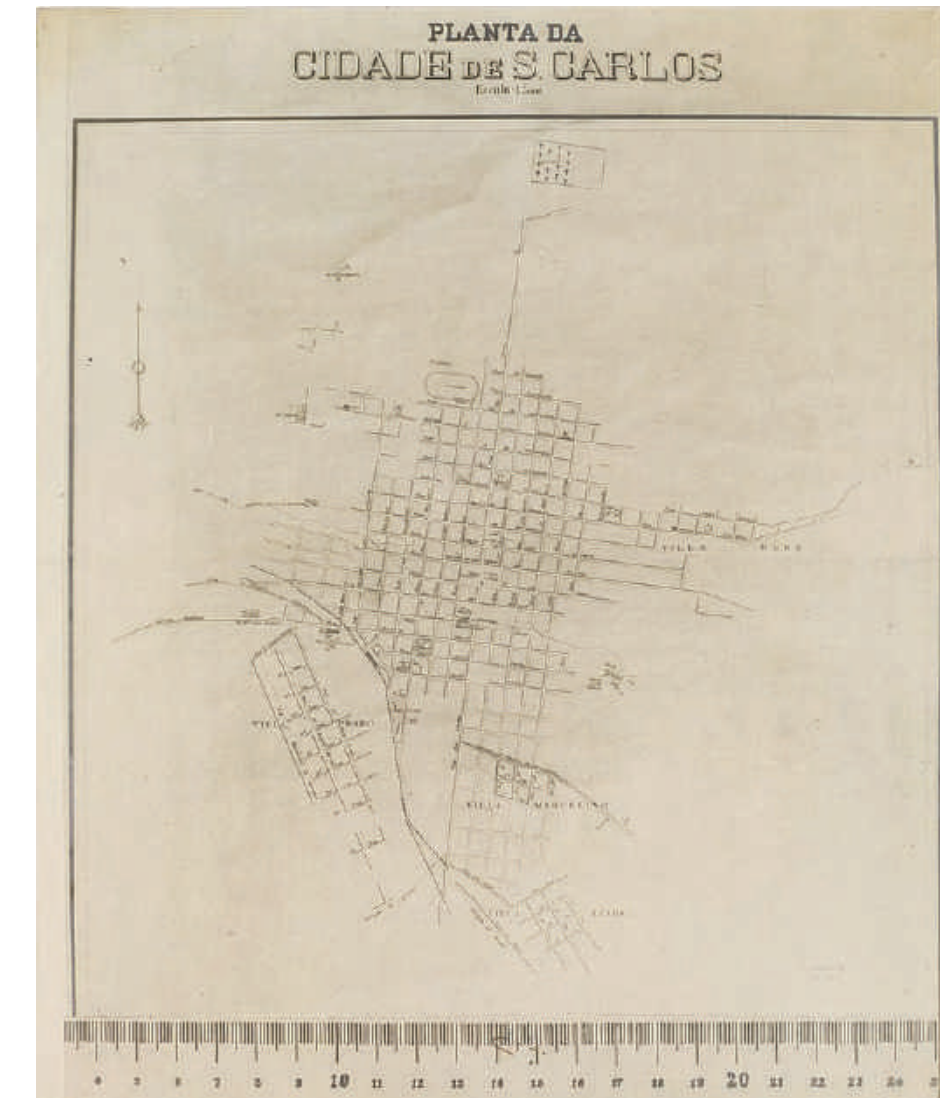
sobre são carlos

A cidade de São Carlos teve seu processo de formação ligado ao contexto de ocupação do interior paulista entre os séculos XVIII e XIX. O surgimento do seu núcleo urbano remonta à metade do século XIX e, em 1857 especificamente, à sua fundação. A cidade se insere na história do desenvolvimento das cidades do interior paulista ligadas à economia cafeeira e, posteriormente, ao desenvolvimento da indústria, configurando uma rede de cidades do interior. (LIMA, 2008)

Para essa parte do trabalho cabe destacar a *ideia de cidade* que foi determinante para a configuração atual de São Carlos, em seus aspectos morfológicos, sociais e econômicos.

Com relação à morfologia do tecido urbano, São Carlos se configurou, no início, a partir do desenho ortogonal de grelha das quadras que mediam 90 metros por 90. A rua São Carlos (atual Avenida São Carlos) foi o eixo principal de expansão da cidade, inicialmente no sentido norte, e ao longo do tempo para as outras direções - sempre em relação a esse eixo. Hoje, o que é considerado a região central da cidade era a área urbana entre 1857 e 1888.

Entre 1889 e 1893 houve um crescimento de 50% da área urbana, tendo como resultado a criação de quatro loteamentos, Vila Nery (à leste), Vila Pureza



(à oeste), Vila Izabel (à sul) e Vila Prado (à sudoeste, onde foi implantada a Estação Ferroviária). Esse crescimento se deu, muito por conta da economia cafeeira que prosperava na região e também pela nova Estação Ferroviária que ligava a cidade à rede do estado.

No entanto, no período entre 1894 e 1929 houve uma desaceleração na expansão urbana de São Carlos, devido à crise

da cafeicultura. Contudo, a população urbana dobrou de tamanho, passou de 8 mil habitantes, em 1894, para cerca de 17 mil habitantes, em 1926. É possível dizer, portanto, analisando a história e as imagens das malhas urbanas das cidades do interior paulista que muitas delas possuíam um traçado de ruas, tamanho e forma de lotes e quadras muito semelhantes, com uma grelha ortogonal, modulada e racional.

A partir de 1929, com o Código de Posturas, a Prefeitura Municipal controlava a expansão urbana da cidade, com algumas variações no traçado das ruas sendo permitidas. Entre os anos 1930 e 1959, podem ser estabelecidos três momentos de expansão urbana de São Carlos. Um primeiro, entre 1930 e 1947, considerado lento e com uma área limitada. Um segundo, entre 1948 e 1949, com um padrão semelhante ao da cidade daquela época, de quadriculas ortogonais. E um terceiro, durante os anos 1950, com implantação de loteamentos com delimitações mais flexíveis e que facilitou a atuação dos loteadores (LIMA, 2008).

Nas décadas seguintes, a cidade passou por momentos de constituição de novos eixos de expansão urbana em direção à periferia da cidade, de verticalização do centro e uma diversificação dos lotea-

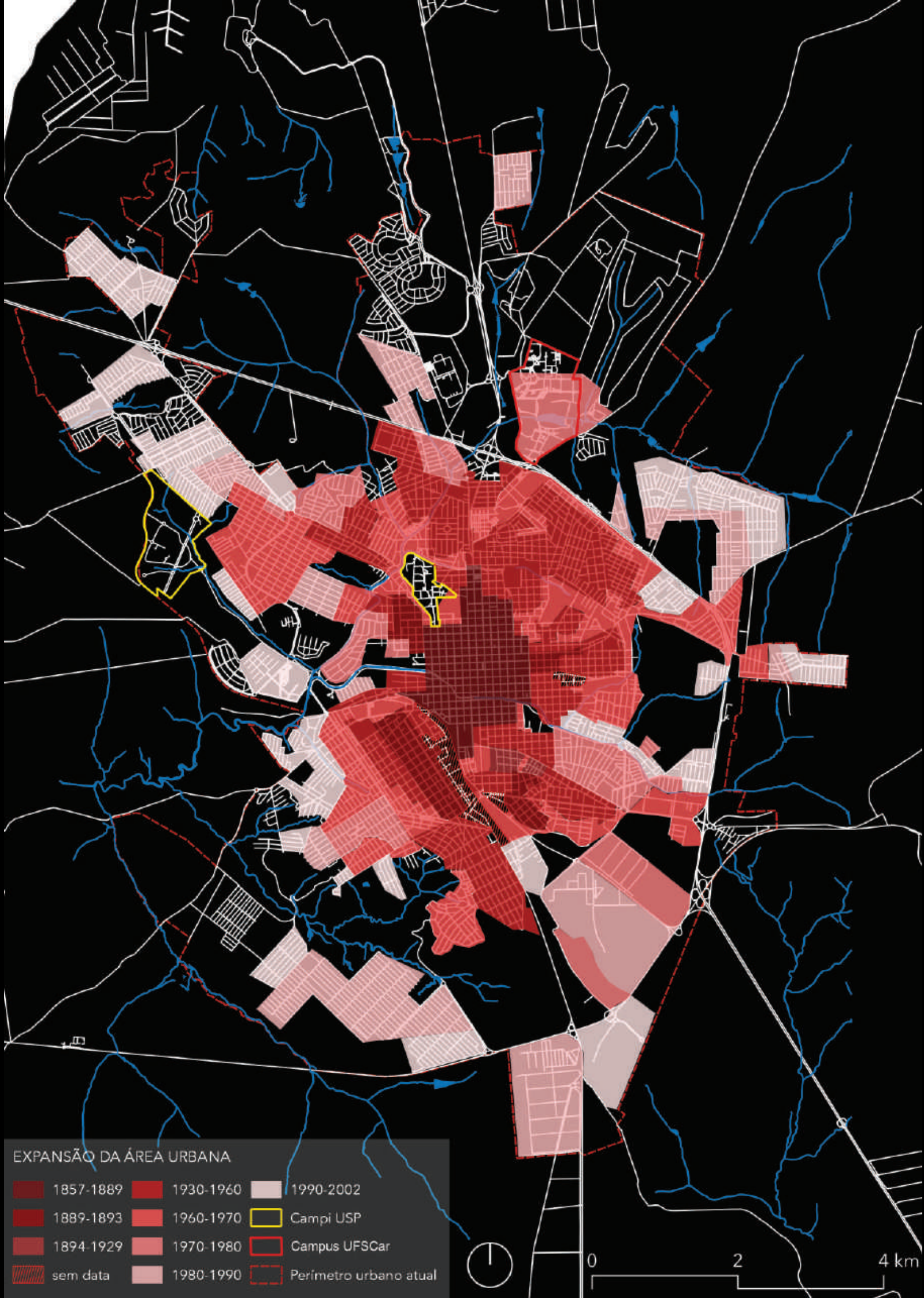
mentos, configurando o que hoje identificamos como sua malha urbana. Todos esses processos indicaram e indicam uma forma de se pensar, construir e estar na cidade.

Segundo Joana D’Arc de Oliveira (2018), em seu livro “Da senzala para onde? Negros e negras no pós-abolição em São Carlos-SP (1880-1910)”, as questões relacionadas ao aumento da área urbana e da população, entre os anos de 1889 e 1893, muito teve a ver com o momento pós-abolição da escravidão (13 de maio de 1888) e a imigração européia. A autora indica, ainda, que “até 1889 o acesso às terras era por doação ou venda a baixo custo”, depois disso deu-se início aos loteamentos que foram comercializados, o que ela considera como uma ação imposta para dificultar o acesso do negro no espaço urbano, mantendo-os atrelados aos espaços de trabalho e moradia oferecidos pelos antigos senhores.

Em um gráfico apresentado em seu livro, a partir do Recenseamento Populacional de 1907, Joana D’Arc de Oliveira (2018) mostra a presença negra nos bairros urbanos em São Carlos, sendo evidenciado a maior concentração nos loteamentos da Vila Pureza (47%), Vila Izabel (41,71%), Vila Nery (30,13%), Centro (12,43%) e subúrbios (12,72%). Ou seja, os primeiros três loteamentos que surgiram na cidade, todos eles na periferia do centro daquela época.

Na página anterior:
Mapa de São Carlos.
Fonte: Acervo Fundação Pró-memória de São Carlos.

Nesta página:
Foto da antiga Rua São Carlos, atual Avenida, na região do mercado municipal. 1866.
Fonte: Acervo Fundação Pró-memória de São Carlos.



EXPANSÃO DA ÁREA URBANA			
1857-1889	1930-1940	1990-2002	
1889-1893	1960-1970	Campi USP	
1894-1929	1970-1980	Campus UFSCar	
sem data	1980-1990	Perímetro urbano atual	

Fonte:
Elaborado
pelo autor,
com base
nos mapas
e dados do
Plano Diretor
Estratégico
de São Carlos,
2016.

sobre a USP São Carlos

No contexto da primeira guerra mundial e de um grave déficit educacional do Brasil surgiu o movimento pedagógico “Escola Nova”, propondo reformas no sistema de ensino do país e tendo como seus principais representantes, Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo. Influenciado pelas discussões do Movimento “Escola Nova”, foi criado pela prefeitura de São Paulo o Convênio Escolar - no fim dos anos 1940 - estabelecendo que o governo Municipal de São Paulo seria encarregado pela construção de edifícios escolares e o governo do Estado pela administração do ensino, tanto o ensino básico como universitário (SIMABUKURO, 2020)

Três nomes importantes para compreender a implantação da Universidade de São Paulo em São Carlos são: o arquiteto Hélio de Queiroz Duarte, o engenheiro civil Ernest de Carvalho Mange e o empresário e político da cidade Ernesto Pereira Lopes. Hélio Duarte e Ernest Mange faziam parte da Comissão Executiva do Convênio Escolar e trabalharam conjuntamente entre 1950 e 1956. Já Ernesto Pereira Lopes tinha influência econômica e política na cidade de São Carlos por conta do grupo fabril Pereira Lopes, de sua família.

Hélio Duarte, se formou pela Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) em 1930 e atuou como arquiteto e urbanista, a partir de 1949, atuou como professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP). Integrou a Comissão Executiva do Convênio Escolar entre 1948 e 1952. Mas até 1955 desenvolveu, junto de Mange, projetos para o Convênio Escolar.

Já Ernest Mange, se formou em engenharia civil pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (POLI/USP) em 1941, mas sempre se envolveu com projetos no campo da arquitetura e urbanismo. Mange teve uma atuação dedicada ao campo do urbanismo, tornando-se diretor-presidente da Empresa Municipal de Urbanismo (Emurb), entre 1975 e 1979.

É de autoria da dupla Duarte e Mange os projetos para o campus da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC, 1952-1954) e o plano para a Cidade Universitária de Santa Catarina (1955-1956). No entanto, pouco foi realizado dos dois projetos, apenas o edifício E1 - no campus da EESC - e o sistema viário e parte do zoneamento da Universidade de Santa Catarina.

Mesmo tendo experiências em projetos de diversos níveis do ensino, o projeto para o campus da EESC foi o primeiro de um campus universitário. Duarte e Mange estavam habituados com projetos de escolas e suas questões pedagógicas, porém, na escala de uma universidade, outras questões devem ser levadas em consideração, como, por exemplo, os ideais de planejamento urbano e questões sociais. Afinal, uma cidade universitária é denominada dessa forma pois ela desempenha e possui atributos iguais aos das cidades, como habitar, trabalhar, estudar, ter espaços de lazer, etc.

A Escola de Engenharia de São Carlos foi a primeira unidade da USP a ser criada fora da capital paulista, em 1948 e marcou a vinda do ensino superior para o interior do estado, além de representar a transformação da imagem da cidade, de âmbito agrícola, para um polo industrial.

aproximações

Neste período, a cidade de São Carlos passava por uma industrialização crescente, com as atividades fabris do grupo Pereira Lopes, Peloplás e a Companhia Brasileira de Tratores. Ernesto Pereira Lopes, junto do deputado Miguel Petrilli, foram os responsáveis pela proposta de implantação da EESC. Em 1948, a faculdade foi criada pela Lei Estadual nº 161 de 24/09/1948 e, quatro anos depois, em 1952, foi instalada pela Lei Estadual nº 1968 de 16/12/1952. A princípio, sua sede era no edifício da Casa d'Itália, no centro da cidade - hoje localizado o Centro de Divulgação Científica e Cultural da USP (CDCC/USP).

Em 1952, houve a doação para a Escola de Engenharia, por parte do prefeito da Cidade, Antonio Massei, de um terreno de 135.700 m², na periferia norte da cidade, onde localizava-se o Posto Zootécnico. A área que hoje corresponde ao campus 1 é o resultado de diversas doações do município ao longo dos anos.



Antigo edifício da Casa d'Itália, na época já como Escola de Engenharia de São Carlos.
Fonte: CDCC/Memórias do CDCC.



Primeira turma de Engenharia Civil da EESC em frente ao primeiro prédio da Escola de Engenharia de São Carlos.
Fonte: Notícias USP/Imprensa.

Fachada atual do Centro de Difusão Cultural e Científica da USP.
Fonte: CDCC/Memórias do CDCC.



sobre o plano piloto do campus universitário

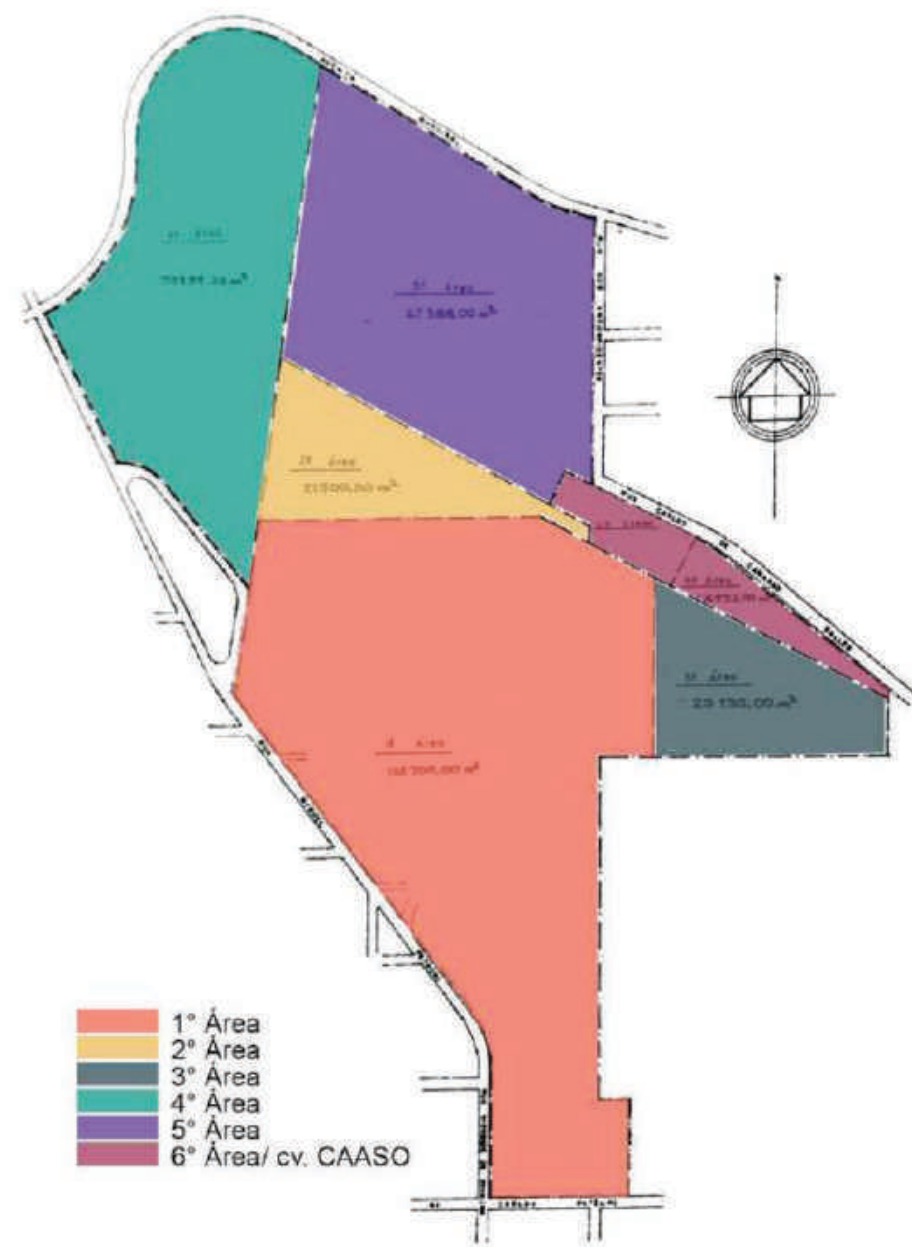
Segundo a pesquisa “Obras Públicas no Estado de São Paulo: (1934-1968) os edifícios da Universidade de São Paulo” (SIMABUKURO, 2020), é possível dividir em três fases a história arquitetônica do campus da USP São Carlos. Uma primeira fase justamente do plano piloto de Duarte e Mange; uma segunda com as obras de Luiz Gastão de Castro Lima e, por fim, uma terceira sendo mais contemporânea.

Primeira fase:

Hélio Duarte e Ernest Mange foram contratados em 1952 para desenvolver o plano piloto do campus da EESC e o anteprojeto de alguns edifícios, como os anfiteatros e alojamentos para os estudantes. O plano seguia o pensamento do planejamento moderno de zoneamento e setorização da área, seguindo três necessidades: trabalho, habitação e recreação. Segundo Duarte e Mange, para a revista Habitat (1956):

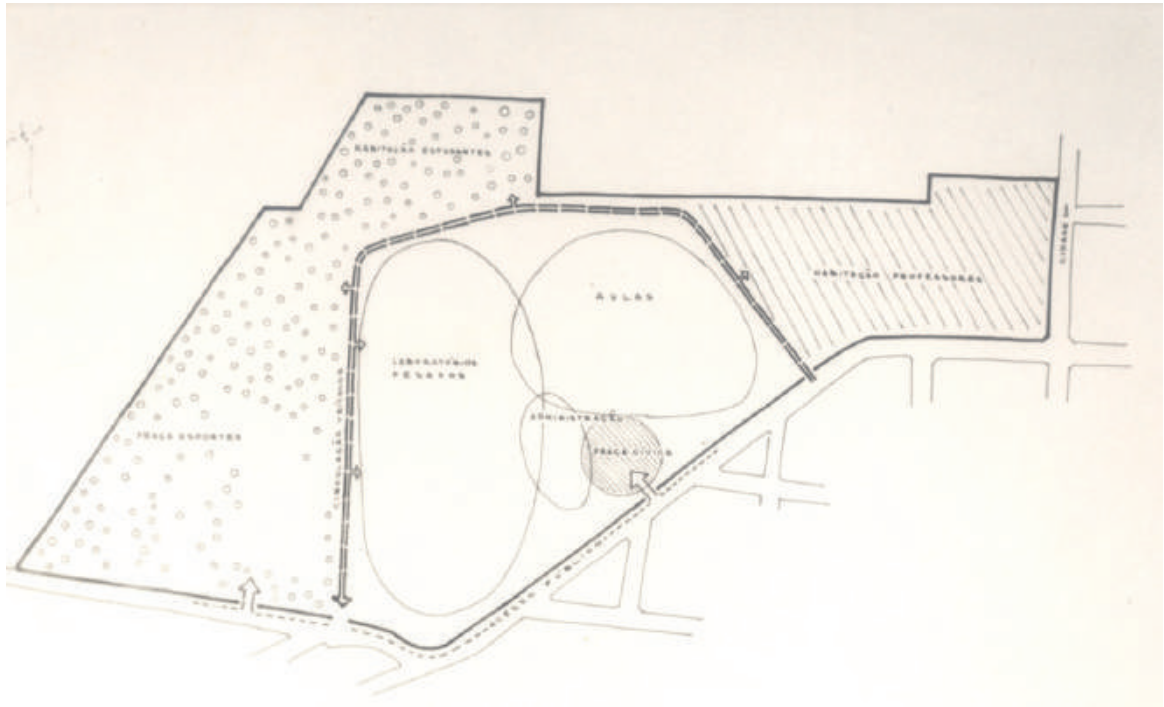
“Foram encaradas as necessidades de Trabalho, Habitação e Recreação, procurando-se obter um todo harmônico, em unidade social e cultural. O programa do setor trabalho exprime as necessidades didáticas e de pesquisas, prevendo a criação de Instituto Tecnológico. No setor habitação foram encarados os problemas de residências de alunos e professores, com seus naturais e imediatos complementos; na recreação as necessidades culturais e esportivas dos habitantes da ‘cidade’” (DUARTE; MANGE, 1956 apud VIEIRA, 2008, p.61).¹

1 VIEIRA, C. C.; CARAM, R. M. Conforto térmico e iluminação natural no edifício administrativo da Escola de Engenharia de São Carlos: o bloco E1. Dissertação de mestrado – Departamento de Arquitetura e Urbanismo – Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. São Carlos, 2008.



Doações de áreas para a USP.
Fonte: SIMABUKURO, 2020.

aproximações



Primeiro estudo para o plano da EESC, de Hélio Duarte e Ernest Mange.
Fonte: Revista Acrópole, n.249, 1959.

ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS

arquitetura e urbanismo	E. R. Carvalho Mange - eng. civil Helio de Queiroz Duarte - arquiteto Ariaki Kato - arquiteto Léo Quanji Nishikawa - arquiteto
cálculo da estrutura	Eduardo Pessoa - eng. civil e arquiteto
cálculo das instalações	Homero Lopes - eng. civil
construção	Escritório Técnico Capote Valente Ltda.

Proposta do plano piloto para a EESC, de Hélio Duarte e Ernest Mange.
Fonte: Revista Acrópole, n.249, 1959. Edição do autor.



A divisão dos espaços contemplava os seguintes setores: Administração e ensino; Habitação e recreação (professores); Habitação e recreação (estudantes); Recreação (esportes).

A administração e ensino era o *core* do projeto, nela estavam indicados edifícios que abrigariam administração, biblioteca, auditório, anfiteatros, laboratórios, salas de aula para aulas práticas e praça cívica. Os setores de habitação e recreação (subdivididos entre professores e estudantes) indicavam edifícios de diferentes tipologias de habitação e espaços de recreação e socialização, denominados Centros Sociais (também separados entre professores e estudantes), no caso do setor dedicado aos estudantes, haviam outros dois espaços, o refeitório e “serviços”. No setor de recreação (esportes) estavam localizados a praça de esportes; ginásio coberto com vestiários. Contando com estádio, piscinas, quadras de basquete e de tênis. Segundo publicação na revista Acrópole (1959) a parcela cultural da recreação se realizaria no bloco administrativo e nas unidades sociais dos estudantes (Centro Social dos estudantes).

De forma a se relacionar com a cidade, o plano alocou as habitações estudantis e de professores no perímetro em contato direto com a cidade, deixando os edifícios de uso mais especializados mais internamento, sem contato direto com a malha urbana da cidade.

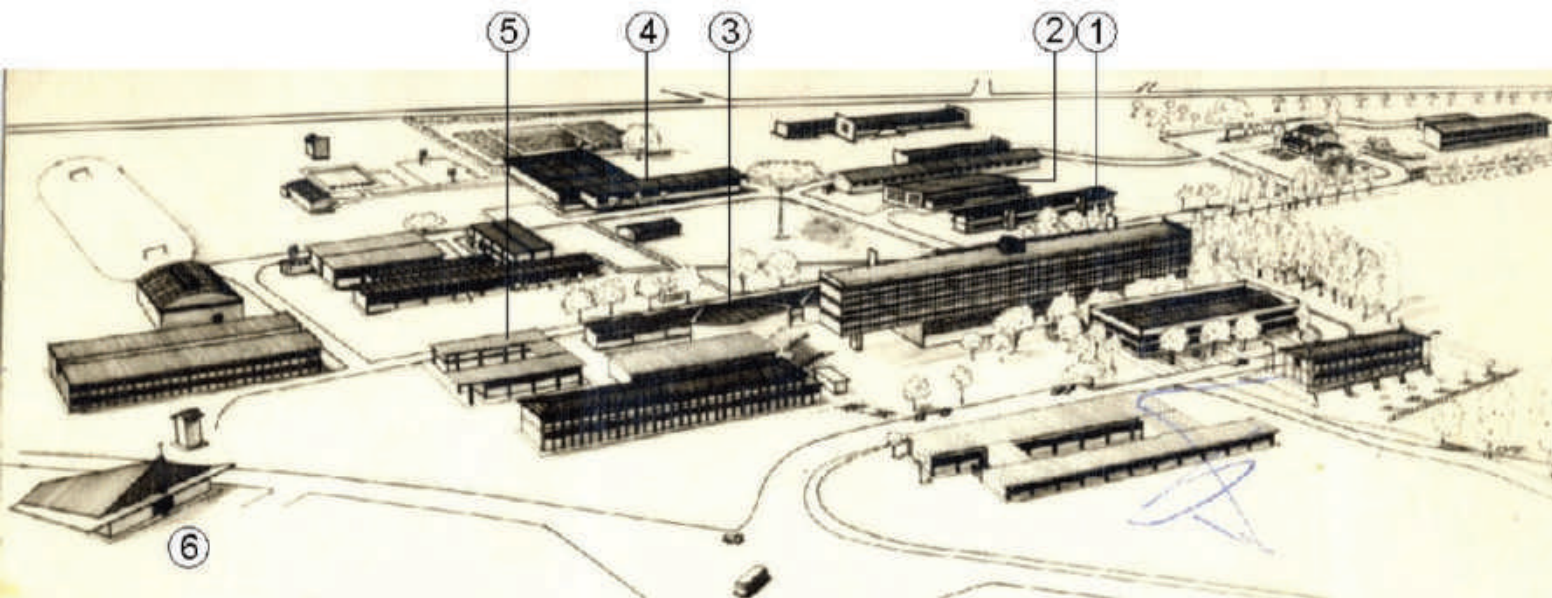
Analisando o mapa de expansão da cidade, a área destinada ao campus da EESC era considerada periférica, tomando como base o centro da cidade de São Carlos. Vale destacar, ainda, que em 1951

havia iniciado um projeto de estruturação da Sede de Campo do São Carlos Clube, indo de encontro com a expansão ao redor do centro histórico entre os anos de 1950 e 1970.

O único edifício construído que fazia parte da proposta do plano piloto de Duarte e Mange, foi o bloco E1 - um dos cinco edifícios para o setor da administração e ensino. Ele é considerado uma das raras exceções de arquitetura moderna com incentivo estatal. Foi pensado a partir de valores racionalistas, com planta livre, pilotis, fachada livre, terraço jardim e painéis de vidro. Justamente por conta da sua planta livre, o E1 conseguiu adaptar-se a diversas funções, ora administrativas, ora de sala de aula, biblioteca, etc.

No entanto, sua execução teve um custo muito elevado, seu projeto sofria constantemente com a suspensão de verbas, demandava fundações especiais, grandes áreas de impermeabilização e apresentava um desfalque relacionado à inexperiência dos atores envolvidos no processo, com os elementos pré-fabricados, descontinuando o plano de Duarte e Mange de construir o restante.

aproximações



Edifícios projetados por Gastão. 1- Alojamento dos estudantes, 2-Biblioteca; 3- Anfiteatros e salas de apoio; 4- Restaurante e o centro social; 5- Instituto de Física; 6- Igreja N.S. de Fátima (externo ao campus). Fonte: BERNARDI, 2008, p. 82, *apud* SIMABUKURO, 2020.

Segunda fase:

Luiz Gastão de Castro Lima foi contratado para ser o arquiteto do campus da USP em São Carlos entre os anos 1960 e 1969, com a intenção de lidar com as demandas de construções do Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto (PAGE²). Vale pontuar, que a sua formação na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU/USP) coincide com o período de intenso debate entre dois nomes da arquitetura da época: Le Corbusier (representando a corrente racionalista) e Frank Lloyd Wright (representando a corrente organicista). Luiz Gastão de Castro Lima era declaradamente admirador dos projetos de Frank Lloyd Wright e, por conta disso, uma referência para seus projetos.

² O Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto, foi um plano do governo Estadual de São Paulo, entre 1959 e 1968, com o intuito de promover o desenvolvimento do Estado de São Paulo, em três frentes: melhorias nas áreas de educação, cultura e pesquisa, saúde pública e assistência social, e sistemas de água e esgoto; melhorias na infraestrutura, ferrovias, rodovias, aeroportos, portos e navegação; e com foco na expansão agrícola.

Lima participou em diversos projetos no campus e na cidade de São Carlos, com destaque para os Anfiteatros I e II, o Alojamento Estudantil, o Restaurante Universitário e o Centro Social, atualmente Centro Acadêmico Armando Salles de Oliveira (CAASO) (todos no campus) e a Igreja Nossa Senhora de Fátima (localizado próximo à atual saída do IFSC, na Rua Miguel Petroni).



Auditório projetado por Luiz Gastão de Castro Lima e reformado por Jorge Caron, ao fundo prédio do bloco do E1. Fonte: Foto do autor.



Foto interna do Centro Acadêmico Armando de Salles Oliveira, projeto de Luis Gastão de Castro Lima. Fonte: Acervo BiblioteCAASO.



Foto interna do Restaurante Universitário, projeto de Luis Gastão de Castro Lima. Fonte: Acervo BiblioteCAASO.

Terceira fase:

Somente a partir de 1968 é que a Escola de Engenharia de São Carlos começa a se desdobrar em outros Institutos (IFSC, IQSC, ICMC e IAU, mais recentemente). Por conta disso, a expansão do campus se deu muito mais por cumprimento de necessidades específicas de cada instituto do que por um plano comum de campus. Hoje, o que é possível notar são edifícios projetados sem uma identificação com a cidade ou até mesmo com o próprio campus, sem uma linguagem arquitetônica ou com uma qualificação real do espaço.

Portanto, pode-se concluir que, no seu princípio, o campus da USP São Carlos possuía uma ideia de cidade bem clara, seguindo o planejamento moderno de zoneamento e setorização da área e com um partido que seguia três necessidades para quem fosse usar aquele espaço: o do trabalho, da habitação e da recreação. Sua relação com a malha urbana da cidade de São Carlos estava presente, com a ideia de aproximação das habitações dos estudantes e dos professores e a cidade. No entanto, ao longo do tempo e por conta da não realização do plano piloto de Duarte e Mange, o campus perdeu a linha guia do início. Com os projetos de Castro Lima, certa identidade foi estabelecida. Mas, ainda assim, hoje em dia, o campus deixa de ser a potência de espaço público que tem, por conta da falta de um planejamento comum entre os envolvidos. E perde sua relação com a cidade ao se enclausurar em si mesmo, sem um contato físico direto - fazendo menção aos muros que circundam o campus - marcando-o como uma cicatriz na malha urbana de São Carlos. Um espaço isolado em si, que produz ensino, pesquisa e extensão, mas que não se liga ao espaço urbano são carlense.

aproximações



Imagens das barreiras físicas e portaria do campus 1. Fonte: Fotos do autor.



Imagens dos prédios que compõe parte da área norte do campus 1. É possível notar a falta de uma linguagem arquitetônica, e a falta de projeto coeso para as readequações dos edifícios.
Fonte: Fotos do autor.

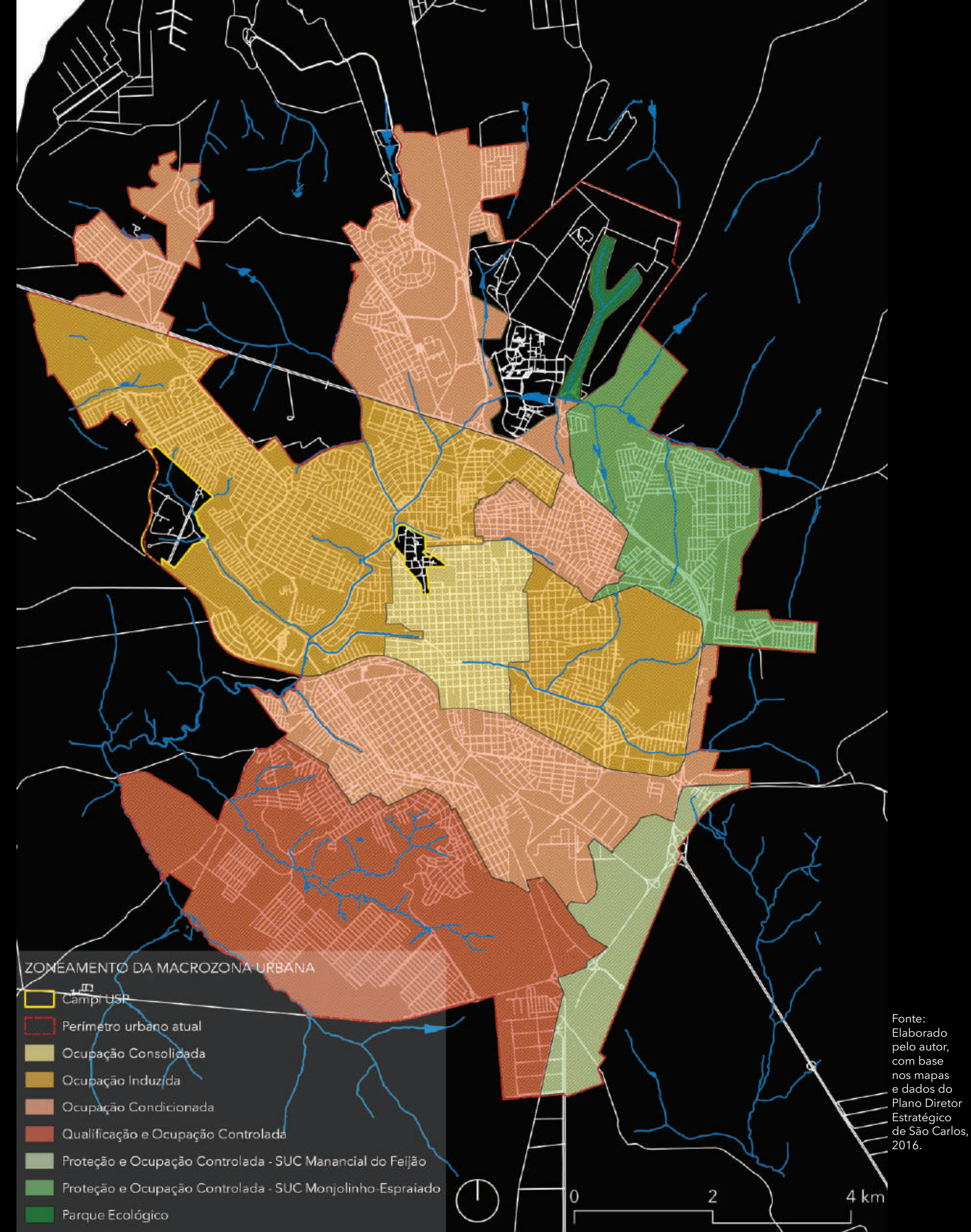
leituras de são carlos

Analisando o mapa de expansão da cidade, a área destinada inicialmente ao campus da EESC era considerada periférica, tomando como base o centro da cidade de São Carlos entre os anos 1857 e 1889. Ao longo do tempo, o local onde constituiu o campus da USP foi se inserindo na malha urbana.

De acordo com a revisão do Plano Diretor do Município de São Carlos (Lei nº 13.691/2005), de maio de 2016, o campus 1 da USP está localizado entre a Zona 1 - Ocupação Consolidada e a Zona 2 - Ocupação Induzida. Ou seja, está localizado entre uma área já consolidada em emprego, comércio e serviços - correspondente à primeira área de ocupação da cidade - e uma outra com potencial de infraestrutura, porém com vazios urbanos dispersos.

Para fins de leitura deste trabalho, consideramos apenas a Zona 1 - Ocupação Consolidada, por ser a zona de maior influência na área pretendida de projeto - correspondente a uma das entradas do campus universitário e onde se localizam equipamentos relacionados à área de cultura e extensão da USP. Foi nessa área onde se iniciou a expansão urbana de São Carlos. Por conta disso, ela apresenta uma Área Especial de Interesse Histórico (AEI Histórico).

Nesta parte do trabalho é feita uma leitura ampla dessa zona com a intenção de compreender a situação e potencialidades do local. São analisadas as relações urbanísticas da área, as infraestruturas presentes e os usos predominantes. Para essas leituras, foram feitas consultas aos mapas e dados da revisão do Plano Diretor Estratégico (PDE), de 2016.



Uso predominante do solo e densidade demográfica

Nesta zona, de acordo com o levantamento de dados e mapas, há uma predominância de padrões habitacionais de médio e alto padrão, concentrados mais nas regiões nordeste, sudeste e oeste da zona. Em uma espécie de eixo central, norte-sul - onde se localiza a Avenida São Carlos -, há uma predominância de comércio e serviços. Já no sentido leste-oeste - onde está localizada a Avenida Dr. Carlos Botelho e Rua XV de novembro -, há predominância de uso misto (residencial, comercial e serviços).

A densidade demográfica dessa zona é, predominantemente, entre 25,1 e 55 hab/ha, com algumas áreas de maior e menor concentração habitacional. É possível notar que na parte sul dessa zona o índice é muito baixo, indicando o esvaziamento da área onde surgiu a cidade e a expansão para as áreas periféricas.

Vias e mobilidade

Por ser o centro da cidade, essa é uma zona que possui vias importantes da cidade, como a Avenida São Carlos e a Rua Dona Alexandrina - vias estruturais no sentido norte-sul. Possui também vias estruturais secundárias, também no sentido norte-sul, e vias radiais que cumprem com o papel de conectar as regiões da cidade, principalmente no sentido leste-oeste. Nas vias radiais, vale destacar a Ave-

nida Dr. Carlos Botelho, Rua Visconde de Inhaúma e Rua XV de novembro, três vias importantes para se pensar na conexão entre cidade e universidade, uma vez que a Av. Dr. Carlos Botelho e a Rua Visconde de Inhaúma margeiam parte do campus universitário, e a Rua XV de novembro, configura, junto à Av. Dr. Carlos Botelho, o espaço da praça XV de novembro, um espaço público importante e que será tratado mais à frente.

Por conta dessa rede viária, é notável que a rede de mobilidade, exclusivamente de paradas de ônibus, concentra-se nas vias estruturais e radiais. São cerca de 13 paradas nas vias estruturais, e 19 nas vias radiais. Vale destacar aqui a falta de implantação de uma rede cicloviária nessa parte da cidade, onde há uma demanda grande por conta dos estudantes universitários que tem como meio de transporte principal as bicicletas.

Equipamentos de cultura, esporte e lazer

Com relação aos equipamentos de esporte e lazer, é nessa área que está localizada a Sede de Campo do Clube São Carlos - instalado em 1951 quando a cidade ainda não havia se expandido. O local onde hoje está a sede era considerado periferia da cidade e área de campo.

Quanto aos equipamentos urbanos é possível notar que essa zona possui uma boa infraestrutura de educação e cultura,

aproximações

com destaque para uma maior concentração de ensino privado e de espaços culturais públicos. É nessa zona que estão localizados os equipamentos culturais:

- . Centro Municipal de Artes e Cultura (CE-MAC)
- . Centro Municipal de Cultura Afro-brasileira
- . Museu de São Carlos
- . Museu da Ciência - Prof. Mario Tolentino
- . Teatro Municipal de São Carlos
- . Biblioteca Pública Municipal Amadeu Amaral
- . Casa Ronald Golias
- . Cine São Carlos
- . Espaço Cultural Flor de Maio
- . Contribuinte da Cultura
- . Centro Acadêmico Armando de Salles Oliveira
- . Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC) - USP
- . Centro Cultural USP São Carlos - USP

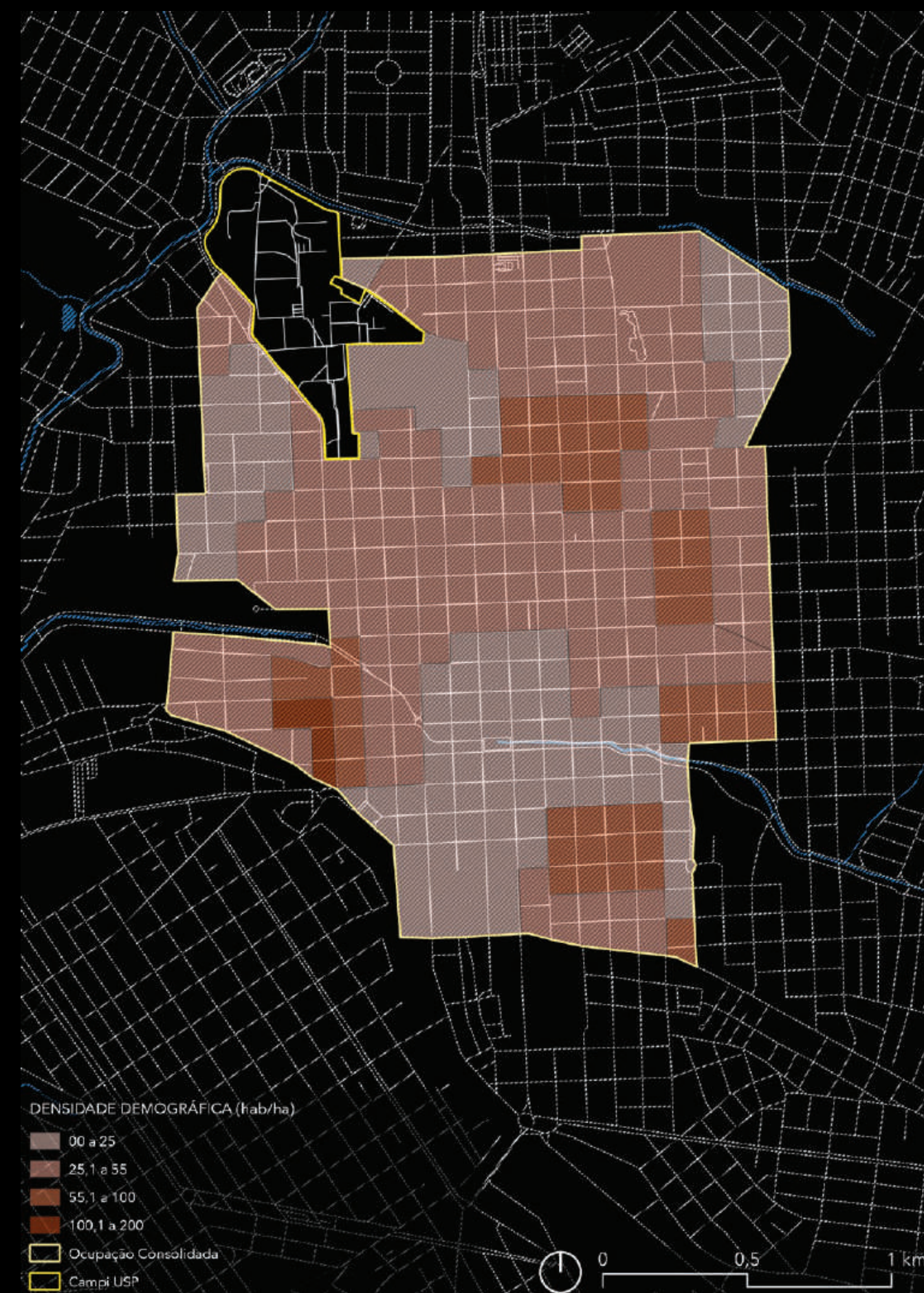
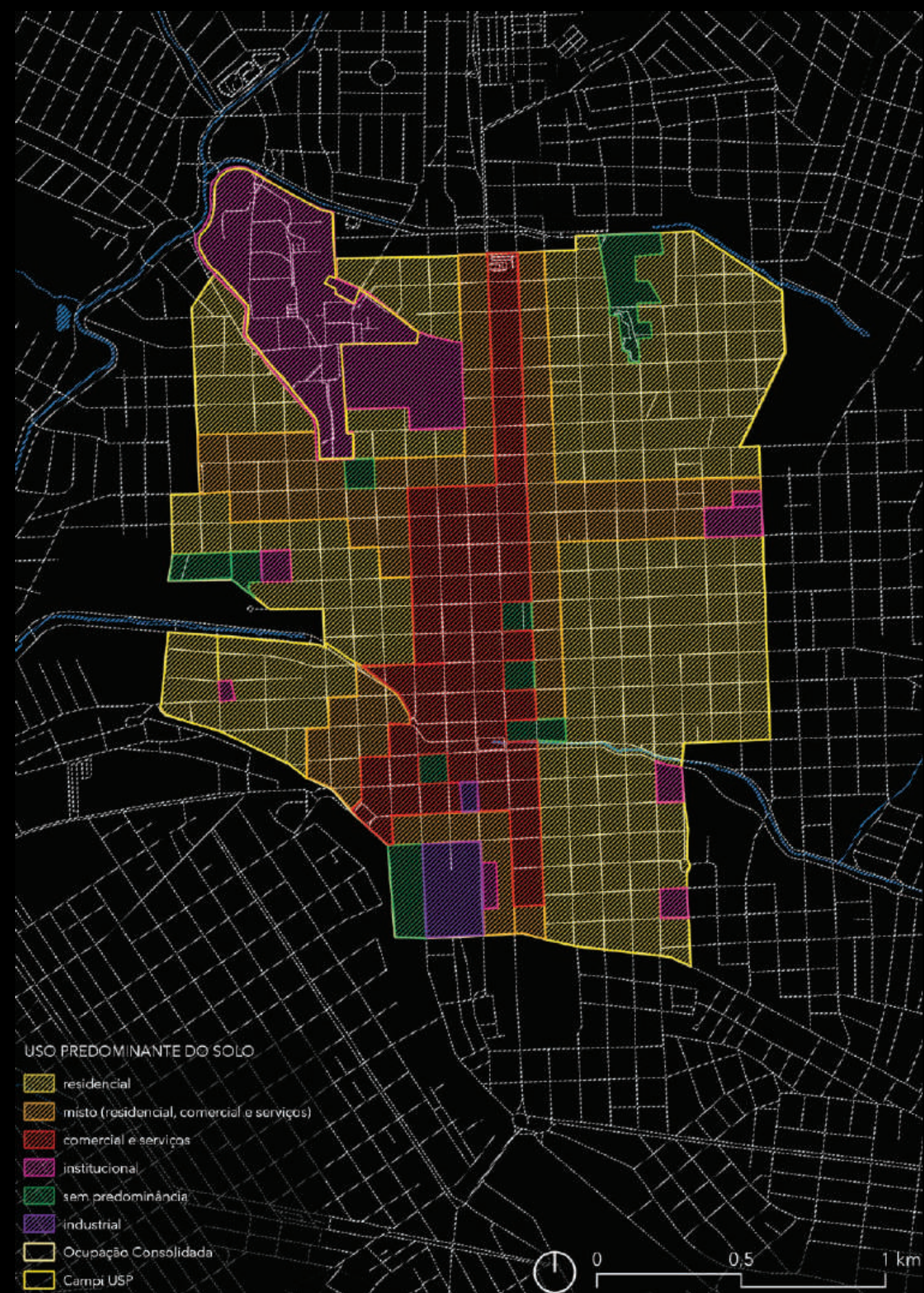
Área Especial de influência no Observatório da USP

De acordo com a revisão do Plano Diretor do Município de São Carlos (Lei nº 13.691/2005), de maio de 2016, algumas áreas da cidade são de especial interesse, compreendendo “porções do território que demandam tratamento diferenciado por destacar determinadas peculiaridades”. É o caso do Observatório Dietrich Schiel da USP, onde algumas diretrizes devem ser seguidas para não comprometer a visibilidade do horizonte, sendo possível observar astros a pequenas alturas;

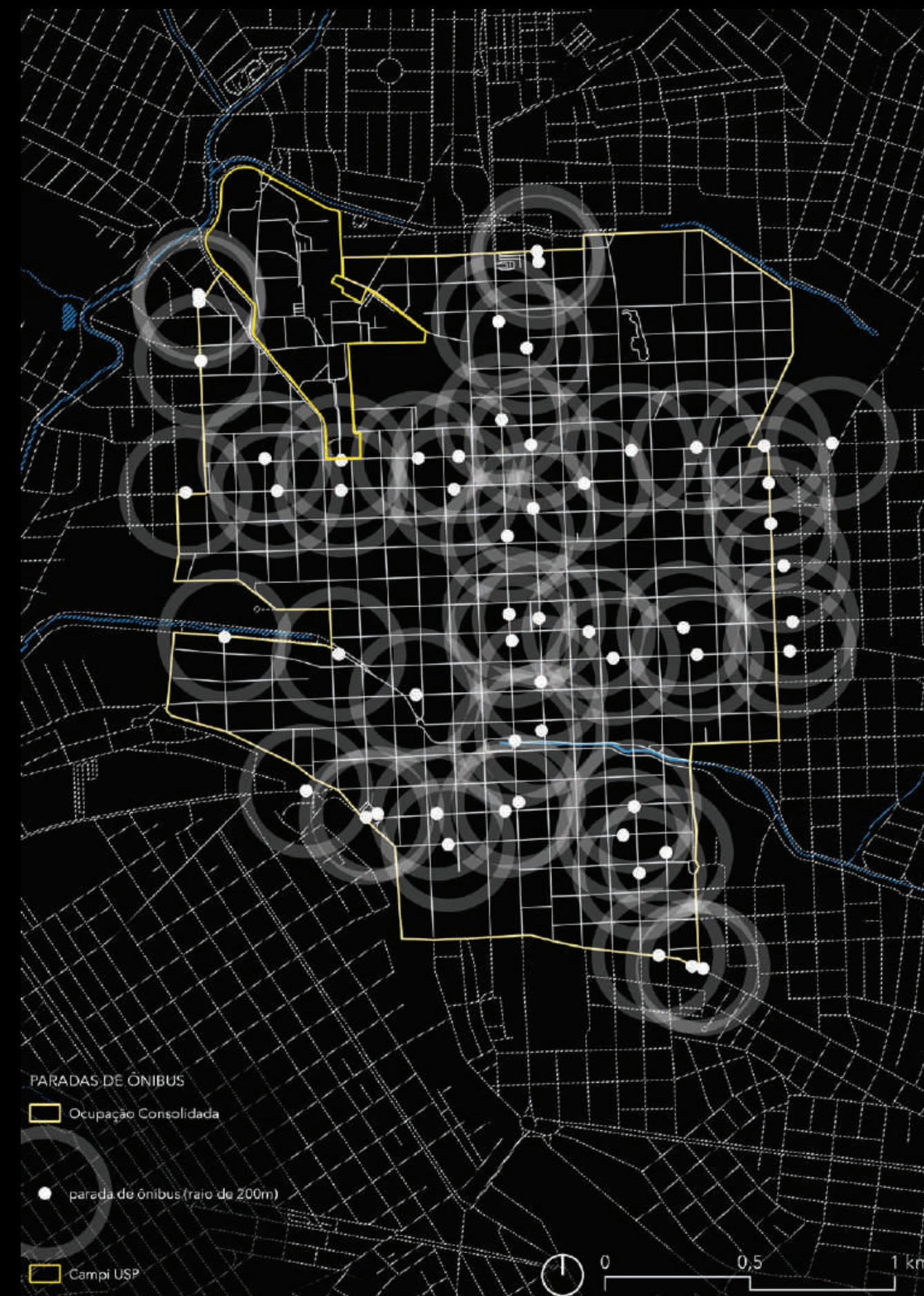
minimizar o impacto da urbanização nas atividades ali desenvolvidas; minimizar a poluição luminosa, com restrições de letreiros luminosos, holofotes ou outras fontes luminosas que atrapalhem a visualização do céu; e limitações de gabaritos de acordo com a distância em relação ao observatório, como na tabela a seguir:

Distância em relação ao Observatório	Altura dos edifícios (na mesma cota)	Número de andares correspondentes
50 m	14,8 m	5
100 m	23,6 m	8
150 m	32,5 m	11
200 m	41,3 m	14
250 m	50,1 m	17
300 m	58,9 m	20
500 m	94,2 m	31

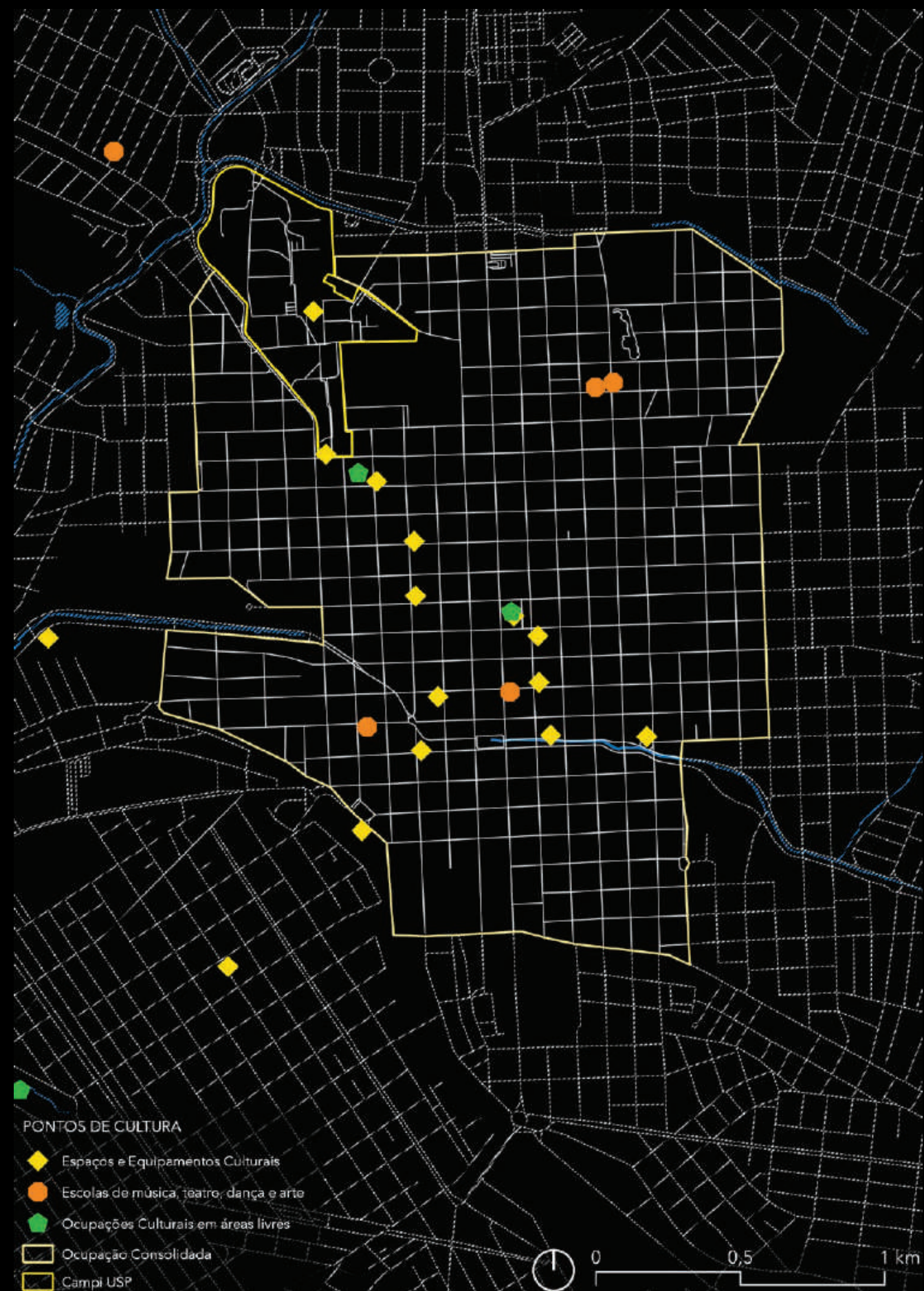
Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos dados do Plano Diretor Estratégico de São Carlos, 2016.



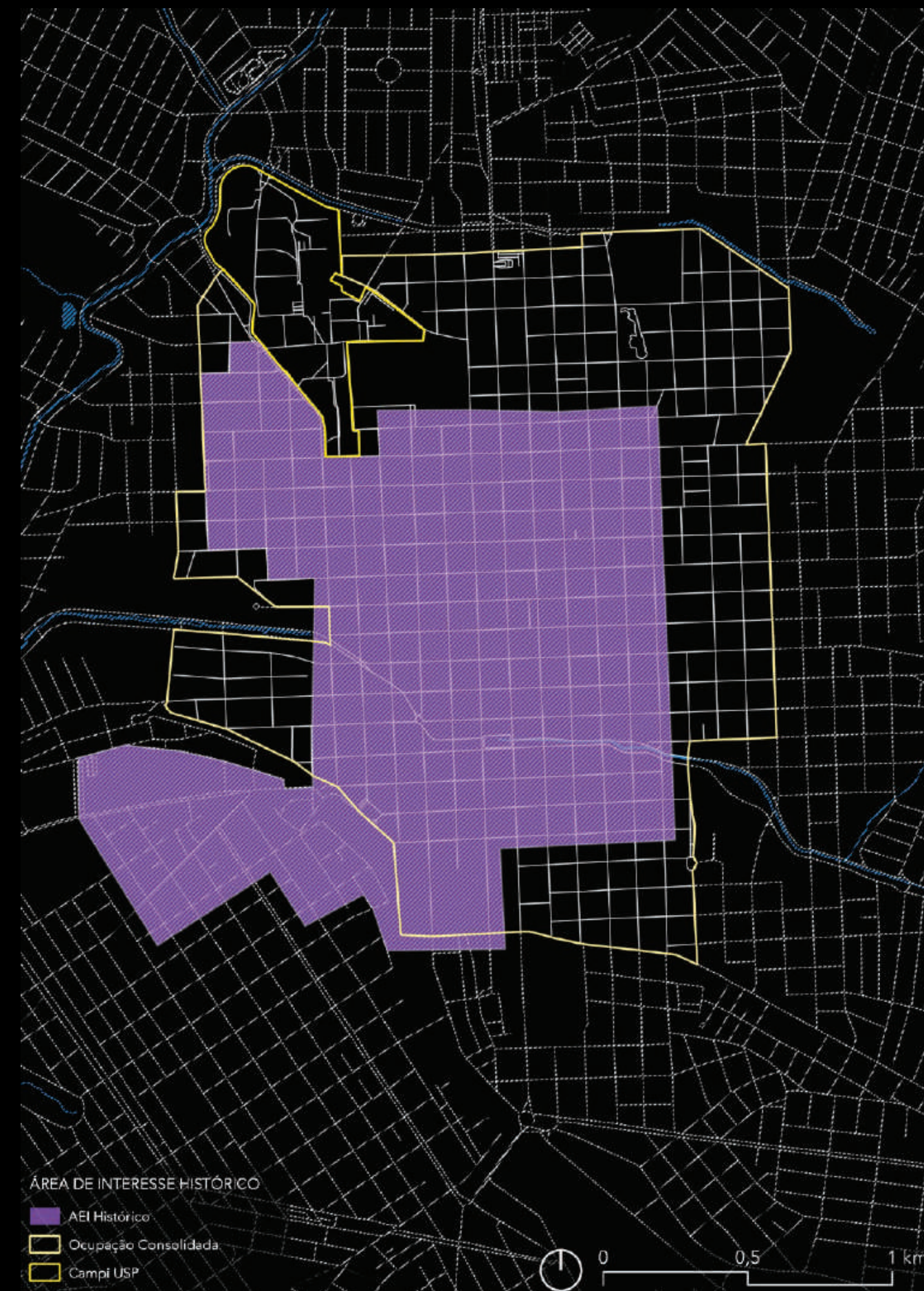
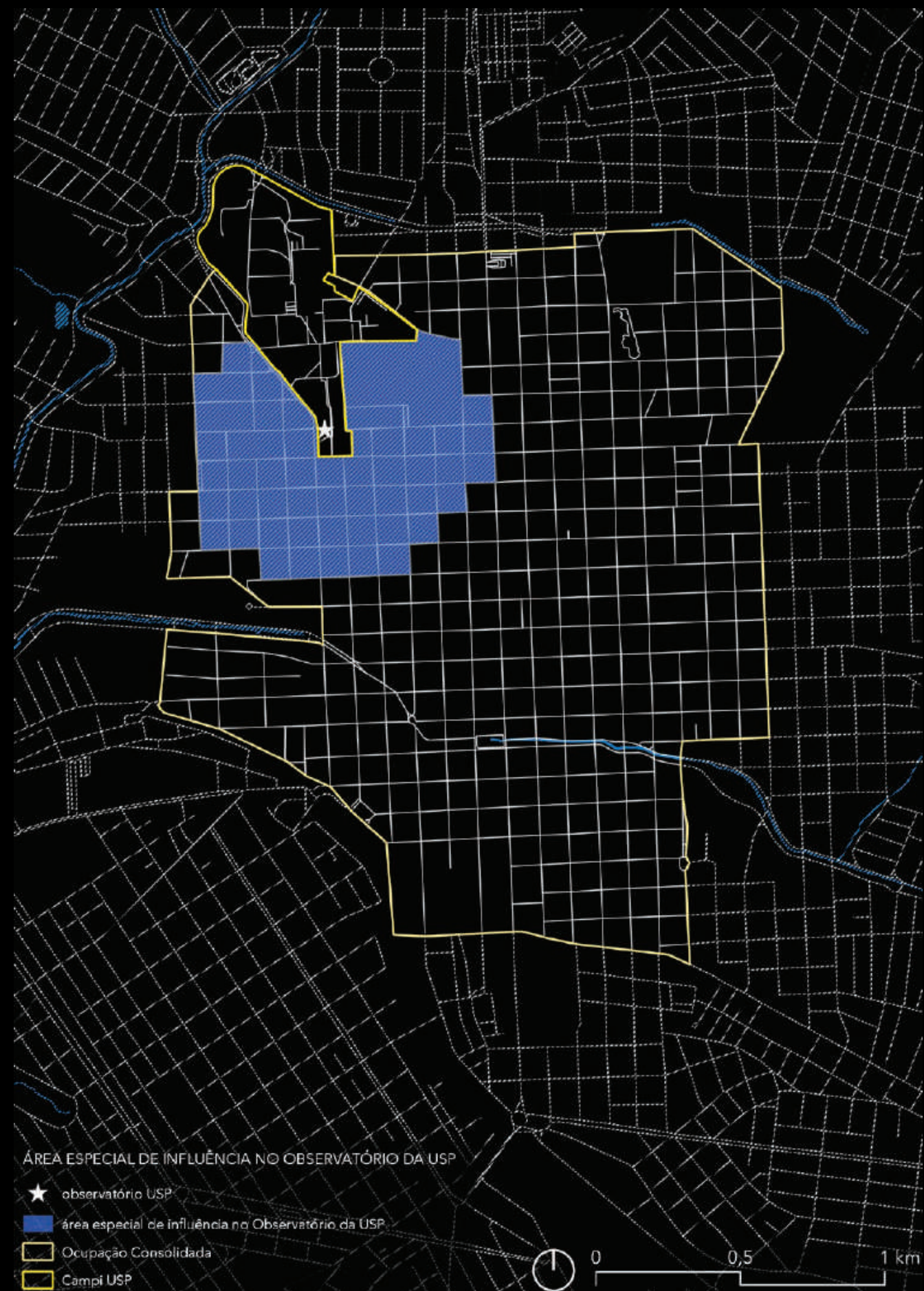
Fonte:
Elaborado
pelo autor,
com base
nos mapas
e dados do
Plano Diretor
Estratégico
de São Carlos,
2016.



Fonte:
Elaborado
pelo autor,
com base
nos mapas
e dados do
Plano Diretor
Estratégico
de São Carlos,
2016.



Fonte:
Elaborado
pelo autor,
com base
nos mapas
e dados do
Plano Diretor
Estratégico
de São Carlos,
2016.



Fonte:
Elaborado
pelo autor,
com base
nos mapas
e dados do
Plano Diretor
Estratégico
de São Carlos,
2016.

leituras da entrada da USP ¹

A escolha da entrada da USP, na Avenida Dr. Carlos Botelho, como lugar de intervenção, se deu pela sua potência como espaço aglutinador das discussões até aqui desenvolvidas - sobre cultura, sobre cidade, sobre universidade e sobre fronteiras. Nesse local estão presentes equipamentos de cultura, de educação, de difusão científica, de socialização e de pesquisa. Sendo eles, respectivamente, o Centro Cultural USP São Carlos, a Creche e Pré-escola São Carlos, o Observatório Dietrich Schiel, a Associação dos Funcionários da Escola de Engenharia de São Carlos (AFEESC) e

o Instituto de Pesquisas Avançadas (IEA). Aqui, vale destacar a presença da Praça 15 de novembro, como um espaço importante ao se pensar a conexão entre cidade e universidade, por conta da sua localização e dos seus usos já estabelecidos com a população e eventos culturais da cidade.

Portanto, a partir desse recorte será analisada a constituição desses espaços em relação à sua história, sua construção, suas modificações e, por fim, a elaboração de uma tabela que retrata os valores - arquitetônicos, histórico, sócio-cultural e funcional - que tais espaços possuem.

¹ Para essa parte do trabalho foi essencial a realização de entrevistas com trabalhadoras e trabalhadores da USP São Carlos. Foram entrevistadas(os): Angela Cristina Giampetro, coordenadora do Centro Cultural entre 2015 e 2019, atualmente atuando na parte de correções e traduções de trabalhos acadêmicos de língua inglesa pelo Centro Cultural; Ciro Júlio Cellurale, ex-funcionário do Centro Cultural, entre

1989 e 2014, sendo o coordenador entre 2011 e 2014. Hoje é funcionário da Biblioteca da Prefeitura do Campus USP de São Carlos; E Dorival Penazzi, funcionário aposentado da USP São Carlos. Começou a trabalhar como desenhista da Prefeitura do Campus em 1970 e se aposentou em 2001, como assistente técnico-administrativo. Acompanhou e foi responsável por diversas obras no campus.



aproximações

Praça 15 de novembro - 1951

A Praça 15 de novembro - oficialmente Praça Doutor Christiano Altenfelder Silva - é um espaço público de lazer da cidade de São Carlos desde a sua fundação, em 1951. Ela faz parte da expansão norte que ocorreu da cidade nos anos 1950, junto da implantação do campus da USP e da Sede de Campo do Clube São Carlos, localizados próximos à praça. No início, aquela era uma região residencial onde localizavam-se algumas residências de alto padrão para a época, fazendo parte, também, da quadrícula histórica. Ela se configura a partir de duas vias estruturais secundárias da cidade, a própria Av. Dr. Carlos Botelho e a Rua 15 de novembro, e nas outras laterais pelas ruas Riachuelo e Aquidaban, caracterizando-se como um lugar de estar e passagem. A praça é muito conhecida, também, pela sua arborização densa, uma característica que a destaca em relação a outras praças da cidade.

Hoje, sua conformação é diferente, sendo considerado misto o uso predominante do solo nas quadras ao seu redor. São nessas quadras que estão localizados os restaurantes, bares e padarias frequentados pela população jovem e adulta da cidade. Na praça são realizados eventos culturais como: shows, eventos universitários, feiras e apresentações independentes, configurando esse local como um espaço de encontro da população.

Na página anterior:
Imagem aérea com indicação da entrada do campus 1 na Av. Dr. Carlos Botelho e localização da Praça 15 de novembro.
Fonte: GoogleMaps. Editado pelo autor.



Construção da Praça 15 de novembro. 1951.
Fonte: Acervo Fundação Pró-memória de São Carlos.



Foto da Praça 15 de novembro finalizada e com o início da arborização.
Fonte: Acervo Fundação Pró-memória de São Carlos.

Foto da Praça 15 de novembro já com sua arborização mais adensada.
Fonte: Acervo Fundação Pró-memória de São Carlos.





De cima para baixo:

Foto da Rua São Carlos, à direita é possível ver as grades que circundavam o Jardim Público. Fonte: OLIVEIRA, J. 2018.

Foto mostrando a antiga Catedral de São Carlos com as grades do Jardim Público em primeiro plano. Fonte: Acervo Fundação Pró-memória de São Carlos.

Foto do bonde na Av. Dr. Carlos Botelho, em frente ao Posto Zootécnico Regional. É possível ver a grade já transferida. Fonte: Acervo Fundação Pró-memória de São Carlos.

Foto da entrada do campus 1, na Av. Dr. Carlos Botelho, hoje em dia, e a presença da grade. Fonte: Foto do autor.

Grade - c. 1900

Um elemento importante dessa área são as grades que margeiam e separam parte da entrada do campus, na esquina da Av. Dr. Carlos Botelho com a Rua Visconde de Inhaúma. Elas faziam parte do Jardim Público, desde 1895, em frente à Catedral de São Carlos. A intenção de se colocar muros e grades em um Jardim Público naquele período era de controlar o fluxo de pessoas que entravam no jardim, já que ele era destinado à elite local que possuía seus casarões nas quadras em torno da Catedral e do jardim, funcionando assim como uma barreira social. Em certo momento as grades foram retiradas e levadas para o Posto Zootécnico, onde permanecem até hoje.¹

Edifícios da USP

Como dito anteriormente, na primeira área doada à USP, em 1952, funcionava o Posto Zootécnico Regional - inaugurado em 1905 pelo então Secretário de Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado, Dr. Carlos Botelho, fazendo parte de uma rede de cinco postos no interior do estado de São Paulo. Nesses postos eram realizadas exposições de animais, tratamentos dos mesmos, funcionava o depósito de cachorros da carrocinha municipal e, também, a Escola de Zootecnia “Dr. Pádua Salles”. Com a doação da área à USP, o Posto Zootécnico foi transferido para uma área mais ao norte, próximo de onde funcionava o Matadouro Municipal, que posteriormente também seria doado à USP, formando o que hoje se configura como o campus 1 da USP São Carlos.

¹ Apesar de ser reconhecida como patrimônio histórico, nenhum documento oficial foi encontrado provando tal tombamento da grade.

Aproximações

Mesmo sendo a primeira, e principal, entrada do campus universitário naquela época, nenhum edifício proposto por Duarte e Mange foi construído nessa área. Ao invés disso, foram realizadas adaptações nas construções já existentes do Posto Zootécnico para abrigar certos programas da universidade, como: oficina de automóveis e espaços de apoio e manutenção de equipamentos.

AFEESC - 1966

Em 1956 foi criada a AFEESC, pouco anos depois da criação da Escola de Engenharia. No ano de 1966, o então reitor da USP, Luís Antônio da Gama e Silva, cedeu, em comodato por 40 anos, parte da área da entrada do campus para a construção do espaço social da associação - localizado bem em frente à praça 15 de novembro. Em 2006, quando o comodato venceria, a USP elaborou um acordo com a AFEESC para um período de continuação do comodato, sem tempo determinado, visto que o edifício estava bem constituído no local e tinha uma importância grande para os funcionários. Os responsáveis pelo projeto foram os professores Luiz Gastão de Castro Lima, Lafaél Petroni e Frederic Schiel. O edifício foi construído com materiais pré-moldados *in loco* e com telhas de argamassa armada - desenvolvida pelo professor Schiel. Onde hoje é o galpão social-esportivo - com a pista de bocha -, foi construído também nesse período, mas sem os princípios dos materiais pré-moldados. Ao invés disso, foi erguido um galpão mais simples, que em 2003 passou por reformas. A área da quadra também remonta à construção do espaço social e do galpão, de 1966.



Fotos do Posto Zootécnico Regional de São Carlos, com os galpões e edifício do Matadouro. Fonte: Acervo Fundação Pró-memória de São Carlos.



Entrada da AFEESC, 2021.
Fonte: Foto do autor.



Vista da Rua Dr. Carlos Botelho para a AFEESC, 2021.
Fonte: Foto do autor.



Fachada da AFEESC, 2021.
Fonte: Foto do autor.

Passados cerca de 35 anos desde a doação da área, entre os anos 1985 e 1989, a entrada da Av. Dr. Carlos Botelho passou por um período de readequação do seu espaço. Nesse período os edifícios que até então funcionavam como oficina e espaços de apoio e manutenção, foram readequados para receber novos programas: um restaurante, uma creche e um centro cultural.

Observatório - 1986

Também é desse período a construção do Observatório Dietrich Schiel, projeto do professor Gelson de Almeida Pinto fazendo parte de um movimento do final dos anos 1980 de repensar a arquitetura moderna e buscar um diálogo com os movimentos arquitetônicos da época. e que teve como intenção observar a passagem do cometa Halley, em 1986. O prédio foi inaugurado em 10 de abril daquele ano e contou com a doação do telescópio refrator Grubb 204/3000 do então Instituto Astronômico e Geofísico, hoje Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (IAG) da USP – campus de São Paulo. Pode ser considerado um dos poucos edifícios dessa entrada da USP reconhecido pela comunidade da USP e pela comunidade externa. Hoje em dia, há intenções de aumentar seu programa e abrigar um planetário.

Creche e Pré-escola - 1985

A adequação dos edifícios do antigo Posto Zootécnico ocorreram em dois momentos. O primeiro edifício adequado foi para receber a Creche e Pré-Escola

aproximações

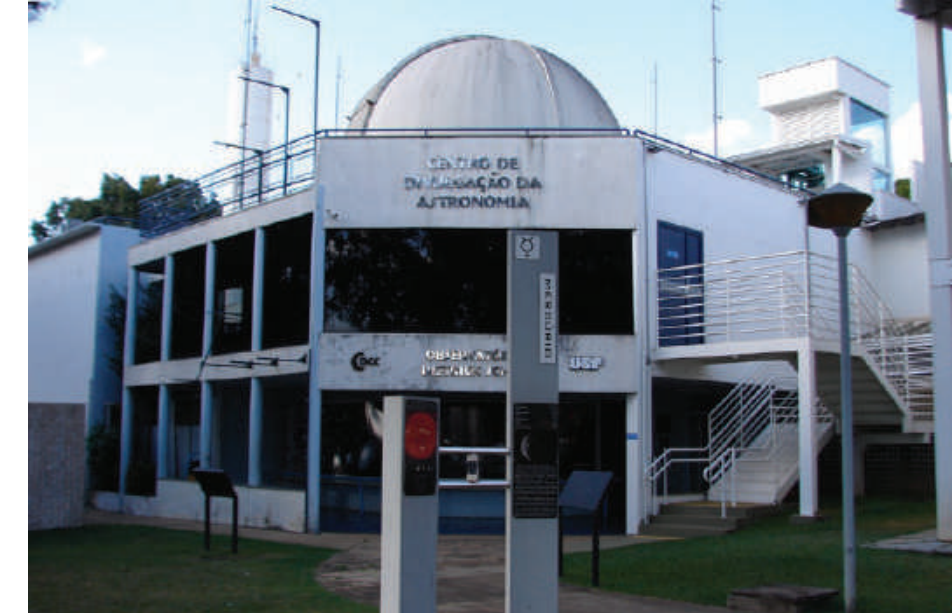
São Carlos, instituída pela mobilização de mães funcionárias que não tinham onde deixar seus filhos. Em 1985 foram feitas modificações para receber as crianças e o corpo docente, em 1986 passou por outra reforma e ampliação do seu espaço e, em 1996, houve uma nova ampliação, sendo construídos um berçário e duas salas de aula. Hoje, seu reconhecimento e sua presença são importantes, pelo reconhecimento do espaço utilizado pelas crianças, pais e profissionais. Um serviço da USP para a comunidade, conquistado por reivindicações.

Restaurante “burguesão” - 1989

Localizado paralelamente à Creche e Pré-escola São Carlos, havia uma outra construção, nos mesmos parâmetros construtivos da creche - que fazia parte do Posto Zootécnico, e depois oficina mecânica -, que passou a ser um restaurante, apelidado de “burguesão” pelos estudantes - em referência oposta ao Restaurante Universitário dos alunos, o “bandejão”. Sua adequação foi feita em 1989 e funcionou até, aproximadamente, 1999, quando foi desativado e demolido. Hoje, seu espaço é um gramado utilizado pelo Centro Cultural USP São Carlos.

Centro Cultural - 1989/2002

No mesmo ano de adequação do “burguesão”, em 1989, foi instituída a Seção de Atividades Culturais (SCCULT) da Prefeitura do campus, mais conhecido como Centro Cultural (CC). Inicialmente, alocado em um dos galpões do Posto Zootécnico, o CC contava apenas com uma



Observatório Dietrich Schiel, 2021.
Fonte: Foto do autor.



Entrada da Creche e Pré-escola São Carlos, 2021.
Fonte: Foto do autor.

Fachada do Centro Cultural USP São Carlos, 2021.
Fonte: Foto do autor.





Prédio do IEA, antiga Rádio USP, 2021.
Fonte: Foto do autor.



Vista da entrada da creche e prédio do IEA ao fundo, 2021.
Fonte: Foto do autor.

Via peatonal entre o prédio da creche e do IEA. Ao fundo portão de entrada e saída do campus, 2021.
Fonte: Foto do autor.



sala para ações culturais e outras duas para atividades administrativas. Mesmo sendo um espaço pequeno, passou a ser utilizado para ensaios, saraus, oficinas e mostras de filmes, sem perder sua característica inicial de atividades culturais, espaço expositivo e de centro de cultura do campus. Por volta de 1993 e 1994, a Prefeitura do campus constrói, na parte posterior do Centro Cultural um auditório, para receber apresentações e ser espaço didático para os cursos. Porém, o auditório não tinha uma ligação direta com o prédio do CC.

No início dos anos 2000, por conta da necessidade de mais espaço, o Centro Cultural é reinaugurado após uma grande reforma. O antigo galpão foi demolido e um novo edifício foi projetado - com dois pavimentos -, para abrigar as diversas atividades desenvolvidas. Nesse novo espaço um programa mais ampliado foi pensado, com um saguão de entrada, duas salas de exposição, salas administrativas, espaços de apoio como cozinha, copa e banheiros. Ao longo do tempo, diversas reformas e adequações tiveram que ser feitas para acomodar as atividades e necessidades que apareciam. Como por exemplo, a construção de um corredor que passou a conectar o auditório ao edifício; a readequação do prédio por conta da chegada do Teatro da Universidade de São Paulo (TUSP), cedendo uma das salas de exposição e uma das salas administrativas para as práticas teatrais desenvolvidas pelo grupo; readequação da sala de exposição com projeto luminotécnico novo; entre outros.

aproximações

Rádio USP/IEA - 1993/1994

Outro edifício importante que configura essa entrada do campus é o prédio da antiga Rádio USP, projetado pelo professor Jorge Caron, entre 1993 e 1994. Após a desativação da rádio, o prédio foi cedido ao Instituto de Estudos Avançados (IEA) para ser uma sede no interior. Hoje, o prédio pode ser considerado pequeno para o programa que o IEA possui, uma vez que o prédio foi pensado para uma estrutura de rádio, onde as salas possuem dimensões menores por conta da reverberação do som e também porque não exigia tanto espaço quanto um instituto de pesquisa.

A seguir, é apresentada uma série fotográfica a fim de ilustrar a situação atual da área de intervenção. As fotos estão dispostas da esquerda para a direita, de cima para baixo, em forma de visão seriala passando pelos diversos edifícios, espaços e áreas que compõe esse espaço.

Esquema de localização dos edifícios existentes da USP









Vista aérea da área de intervenção.

PROPOSTA

Pelas leituras realizadas da região e da área mais próxima de intervenção, é possível concluir a potencialidade que esse espaço possui para ser uma ponte entre a universidade e a cidade. Hoje, esses espaços apresentam usos já consolidados, mas que são impedidos de estabelecer uma relação maior entre si e a cidade, por conta de fronteiras materiais e imateriais que os circundam. Como fronteira material, fazemos referência aqui aos muros e grades que separam a USP da cidade e como fronteira imaterial, nos referimos a um entendimento de que esses espaços não alcançam uma potência por conta dos seus espaços físicos.

A arquitetura e o urbanismo têm aqui um papel fundamental para pensar esses espaços, levando em conta que uma mudança nesse sentido depende de vários fatores, mas os espaços projetados para tal fim podem ser potencializadores desta discussão.

A área de entrada da USP, localizada na Av. Dr. Carlos de Arruda Botelho consiste, hoje, em vários edifícios destinados a programas culturais diversos e educacionais, além de uma vegetação considerável. No entanto, esses edifícios foram construídos ao longo do tempo sem uma ideia de cidade definida, sem uma conexão entre si, com a universidade e com a cidade de São Carlos.

Toda essa área, de aproximadamente 12 mil metros quadrados, necessita de uma identidade forte e que seja reconhecível como um espaço de cultura e educação do campus. Para isso, o partido projetual parte das ideias de transformação, reapropriação e redesenho dos espaços. Possibilitando, assim, uma maior conexão entre universidade e cidade, potencializando a fruição do espaço público e o uso dos equipamentos existentes na área. A escolha é de uma requalificação da área, pensando em adequações de alguns

edifícios, a construção de novos, proposição de novos programas e novas vivências para esse espaço. Após a análise de cada edifício, sua história, e sua adequação aos novos programas propostos, a escolha do trabalho é de retirar alguns edifícios da área a fim de garantir uma unidade arquitetônica e que garanta uma melhor fluidez do espaço. A ideia é reaproveitar e transformar o que for possível e criar novos espaços, para que os novos programas tenham espaços qualificados.

A proposta é estabelecer uma unidade entre os espaços, ou seja, estabelecer um espaço onde a cultura, a educação e a ciência se fazem presentes, mostrando, assim, as diversas áreas de atuação da universidade pública. Para isso, é pensado nas duas pontas da área (leste e oeste) os programas do Centro Cultural e do Observatório e Planetário e, na área central, o espaço da Creche e Pré-escola - marcando a importância desse equipamento para o campus da USP de São Carlos. Os três equipamentos conectados por uma praça interna ao campus, funcionando como ponto nodal e de encontro.

Na ponta leste a transformação do espaço conta com a adição de um novo volume associado ao edifício existente, onde serão realizados os programas educacionais, de oficinas e ateliês, o programa expositivo e de acervo e a construção de um auditório com capacidade para 350 pessoas. No edifício que faz frente com a Avenida Dr. Carlos Botelho, é alocado o programa da EDUSP associado a um café, por conta da relação que se cria mais próxima à praça 15 de novembro.

Na ponta oeste a transformação do espaço conta com a adição, também de um novo volume destinado ao planetário e ao aumento da área expositiva do Observatório. A proposta de retirada do edifício do Centro Cultural se faz necessário quando da busca por uma unidade espacial e uma fluidez do espaço público, visto que a criação de um gramado possa ser de grande ganho para a população e seja um espaço de recebimento, aberto e livre.

Na parte norte da área de intervenção, uma praça faz o papel de “core” do projeto, sendo um ponto de encontro dos eixos formados pelo posicionamento dos edifícios, de distribuição para os vários programas, e conectando essa nova área com o campus. Em toda a área é pensado um novo desenho de piso, que evidencia os espaços criados, novos e existentes, criando conexões entre si e demarcando espaços.

PROPOSIÇÕES

Redesenhar as fronteiras entre a universidade e a cidade. Possibilitando, assim, uma maior conexão entre os espaços da universidade e da cidade. Aqui, é proposto a retirada de todos os muros e grades que circundam o campus, mas, neste trabalho, será elaborada uma proposta para a área sul do campus.

Estabelecer essa área do campus como um espaço onde a cultura, a educação e a ciência se fazem presentes e mostrar a influência do campus universitário, como um equipamento urbano, na cidade de São Carlos.

Repensar o modo como são construídos os edifícios da universidade, buscando uma linguagem arquitetônica mais acolhedora à população.

Construir espaços na direção da noção de cultura defendida até aqui. Cultura como encontro, trocas e diálogos.

Construir espaços que dialoguem com a produção cultural da cidade de São Carlos, aumentando a busca por esse espaço e incentivando o movimento de ocupação cultural do centro da cidade.

Estabelecer uma programação cultural em consonância com as demandas sociais da população e com as pautas contemporâneas.

AÇÕES

Remover a grade que circunda a USP, entre a Av. Dr. Carlos Botelho e a Rua Visconde de Inhaúma, visto que ela é um elemento que remete diretamente à ideia de fronteira que o presente trabalho quer eliminar.

Conectar a entrada da USP com a Praça 15 de novembro, por meio da criação de um espaço comercial (café e livraria), visto o caráter das outras construções que fazem frente à praça, em sua maioria restaurantes, lanchonetes e docerias.

Criar passeios públicos qualificados para essa área, principalmente, no campus.

Projetar novos espaços para o Centro Cultural USP São Carlos e Observatório e Planetário Dietrich Schiel, sendo pensado sua relação com a universidade e a cidade. Tendo como base as demandas já existentes.

Redesenhar a área da Creche e Pré-escola USP São Carlos, com o objetivo de criar um espaço de conexão e passagem. Associado a esse redesenho está a proposta de um anexo que faça frente à nova praça criada, buscando uma maior marcação desse importante equipamento para o campus.

Propor módulos praticáveis que sejam facilmente transportáveis e que possibilitem vários usos no espaço público pelas pessoas.



- novos edifícios
- manutenção dos edifícios
- novos programas
- reformulação do desenho de piso
- área da creche e pré-escola

1 Centro Cultural USP São Carlos

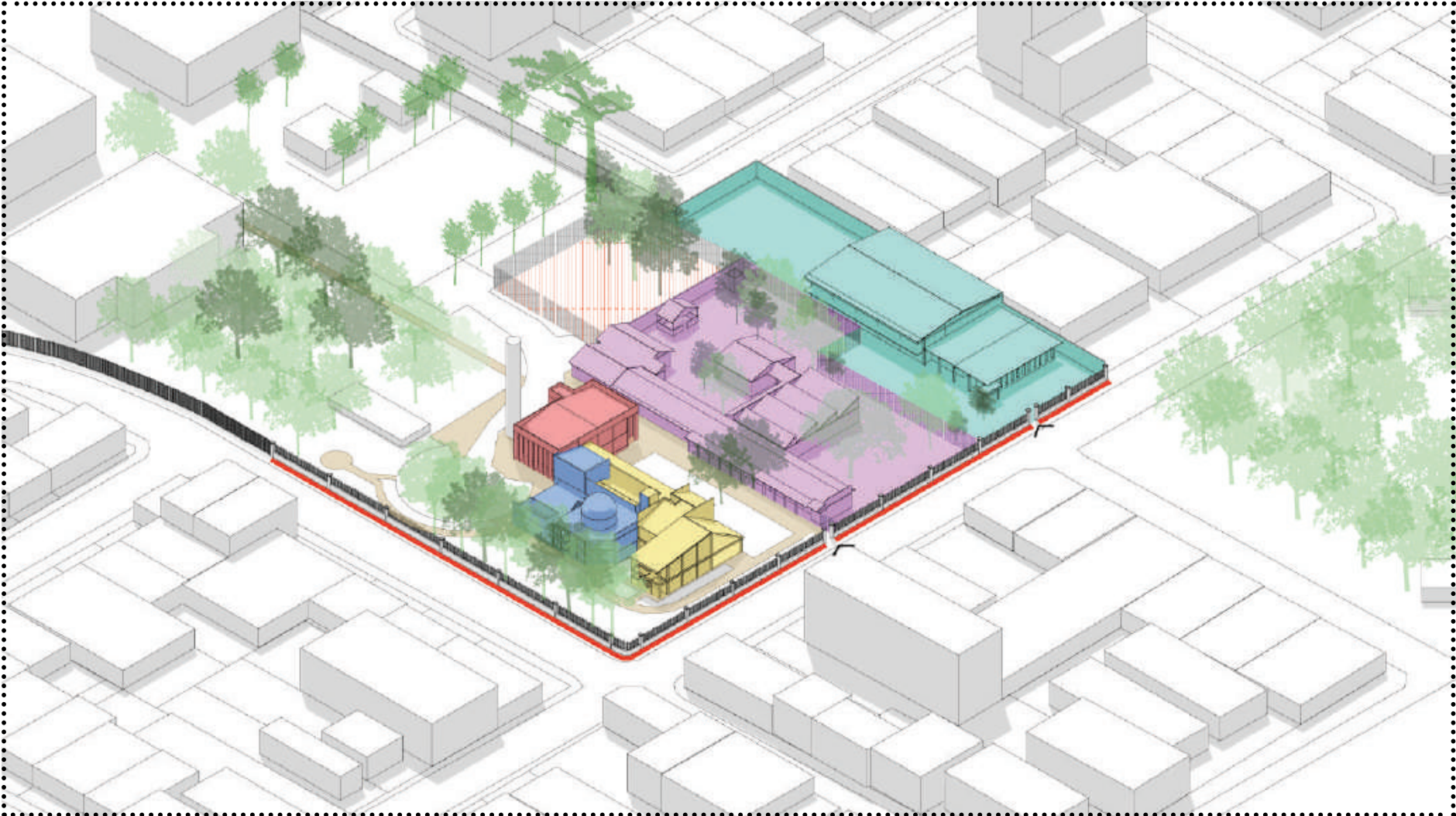
PROGRAMA

Salas de exposição + sala multiuso;
 Espaços para oficinas + salas de aula para dança, teatro e música;
 Acervo + laboratório de restauro;
 Auditório + bastidores;
 Administração;
 Café + livraria (EDUSP).

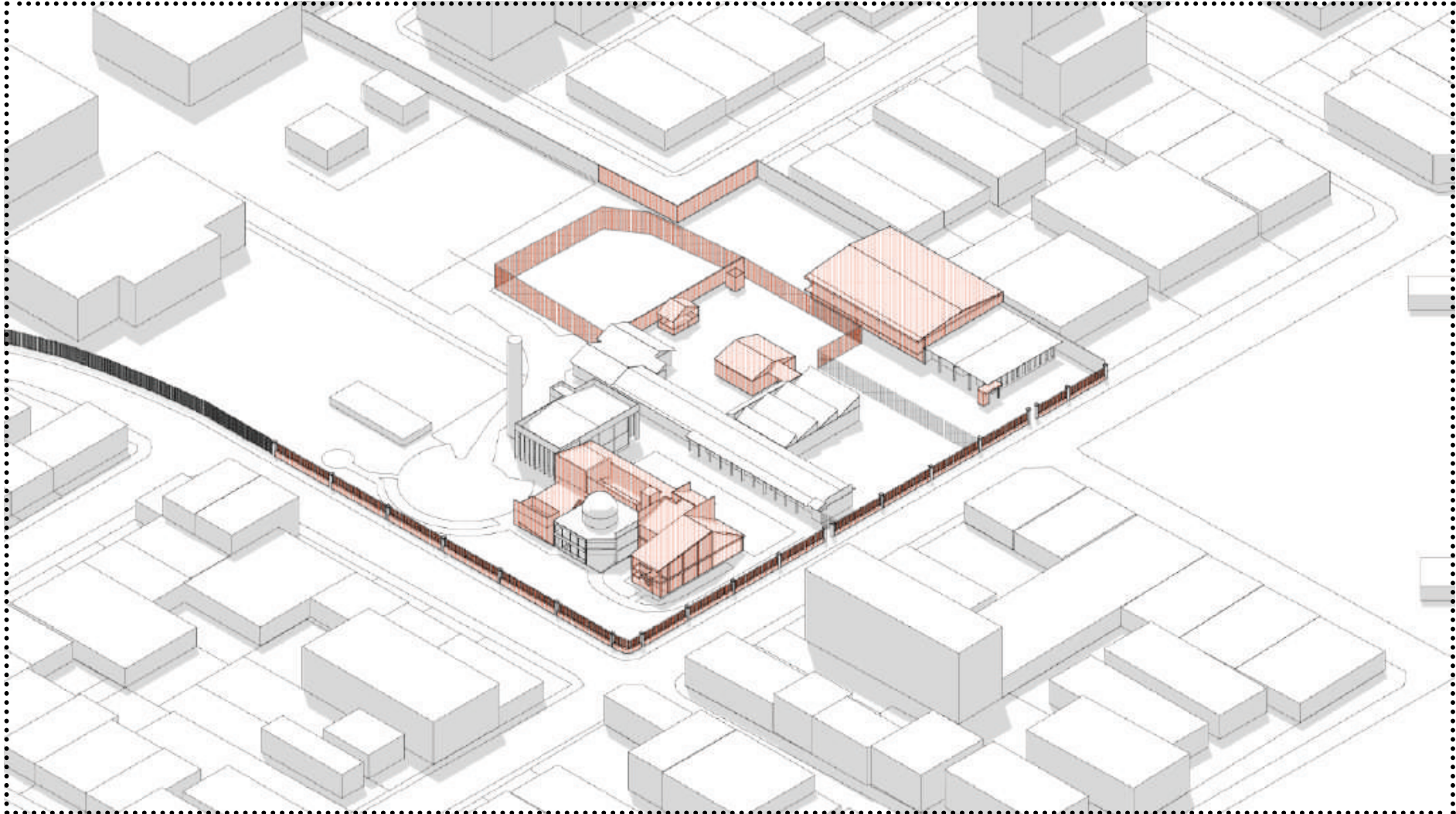
2 Observatório e Planetário Dietrich Schiel

PROGRAMA

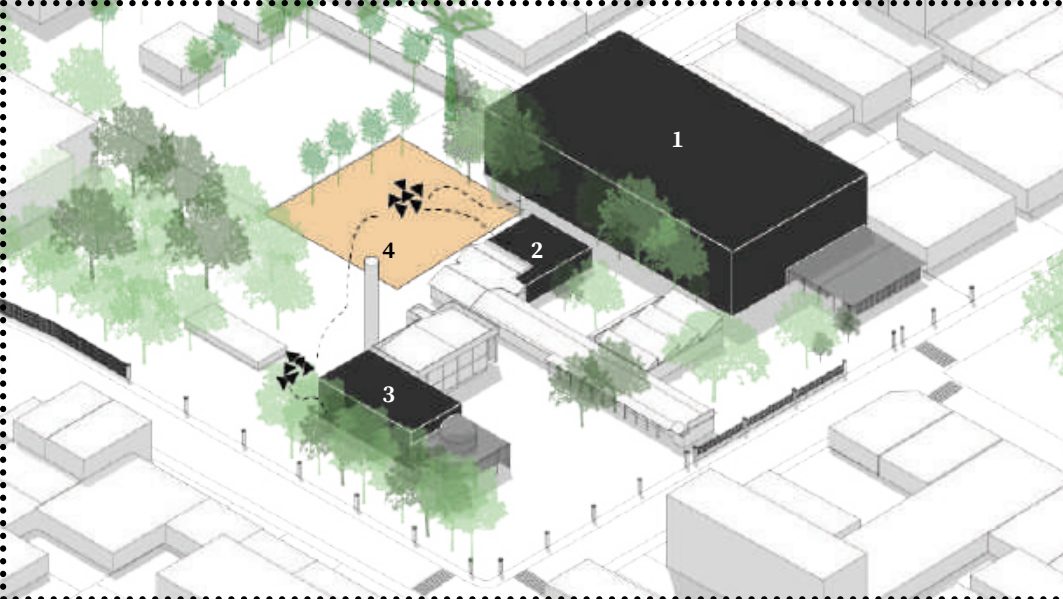
Sala do telescópio (cúpula externa)
 Sala do planetário (cúpula interna)
 Sala de exposição;
 Câmara escura + sala de instrumentação;
 Terraço para observação;
 Sala de apresentações;
 Administração.



- | | | | |
|--|------------------------------------|---|-----------------|
|  | Centro Cultural USP São Carlos |  | Área de passeio |
|  | Observatório Dietrich Schiel |  | Geotecnia |
|  | IEA |  | Grade |
|  | Creche e Pré-escola USP São Carlos |  | Acessos |
|  | AFEESC | | |

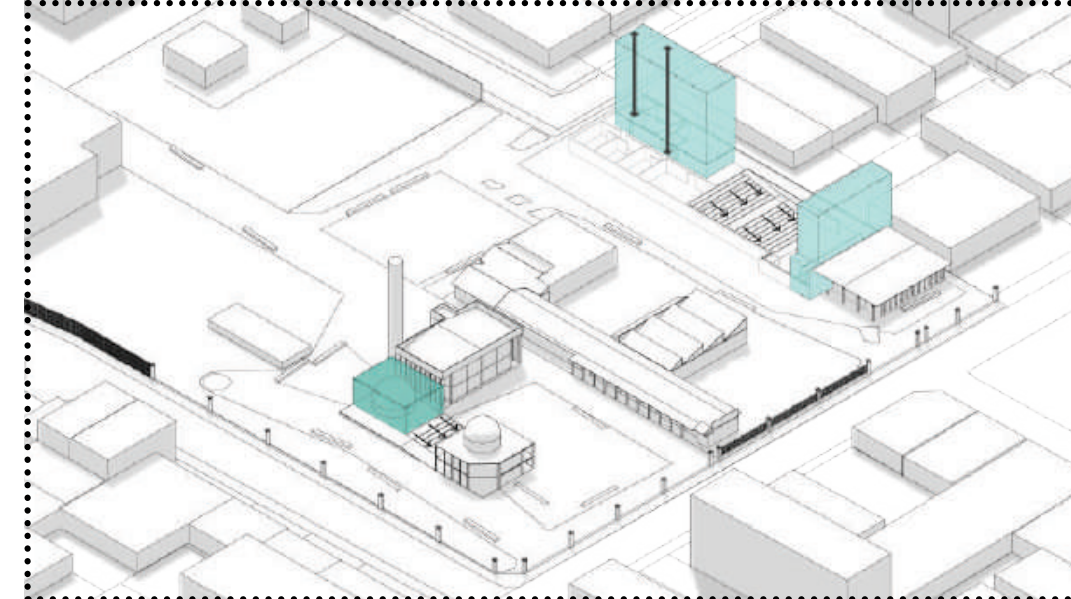


- | | |
|---|---------|
|  | Remover |
|---|---------|

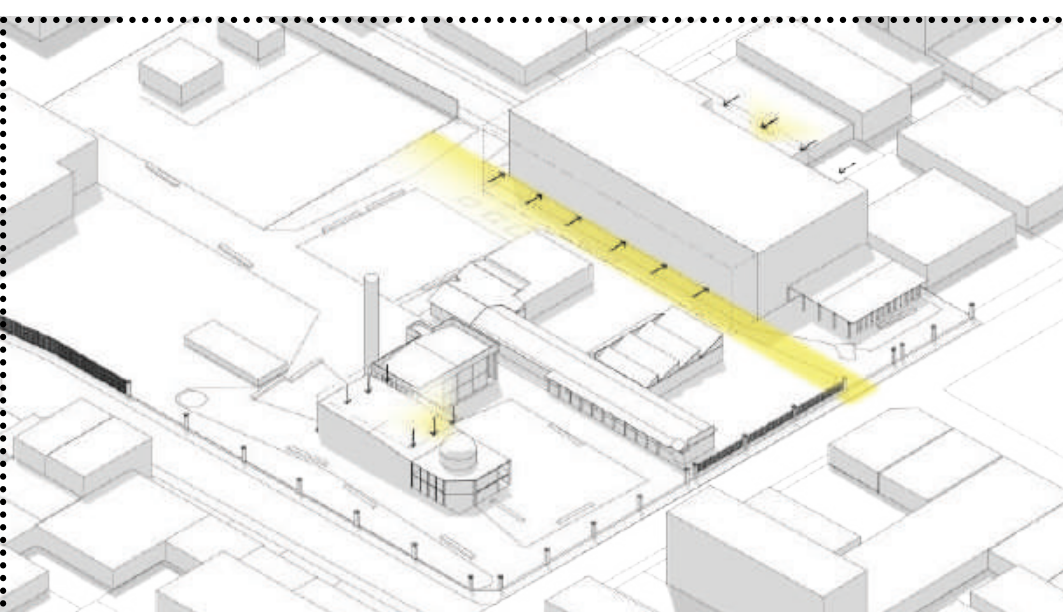


- 1**
- 1 - Centro Cultural USP São Carlos
 - 2 - Anexo da Creche e Pré-escola USP São Carlos
 - 3 - Observatório e Planetário Dietrich Schiel
 - 4 - Praça

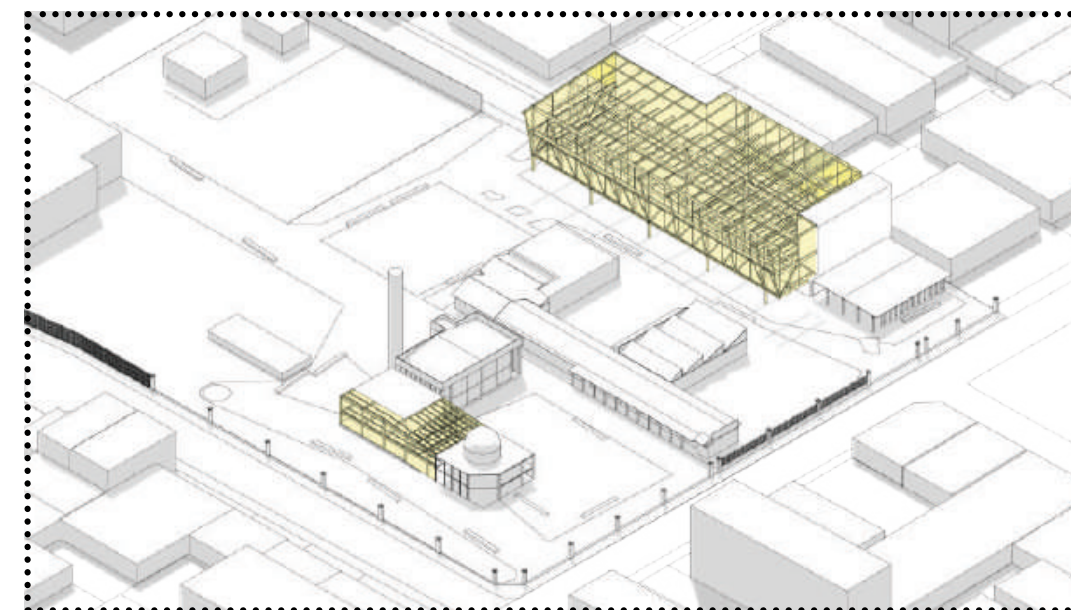
 Módulos praticáveis



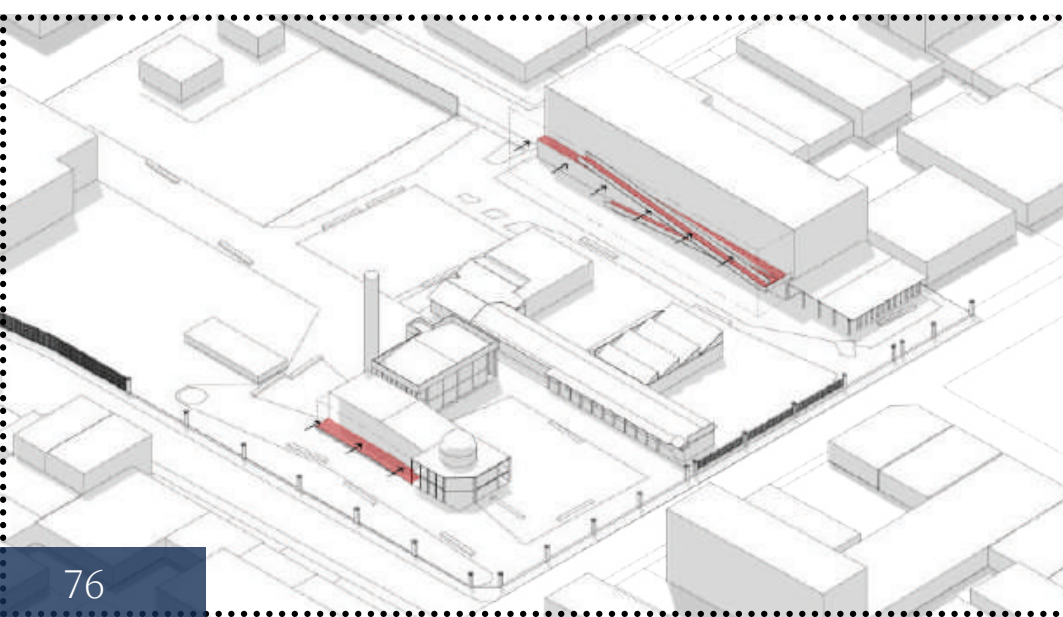
- 4**
- Centro Cultural: criação de blocos hidráulicos e de circulação vertical, auditório e subsolo com os bastidores.
 - Observatório e Planetário: criação do bloco do planetário e sala de apresentações.



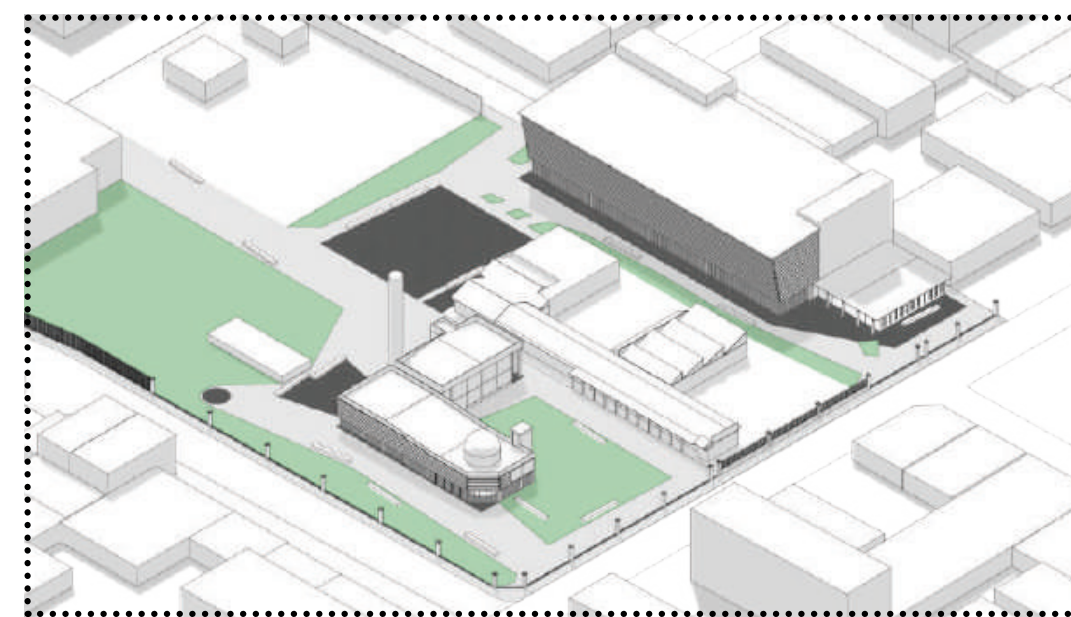
- 5**
- Operações nos volumes para criar visuais livres.



- 5**
- Lançamento da estrutura. Pilares e vigas metálicos com travamento auxiliado pelos blocos hidráulicos, de circulação e do planetário.



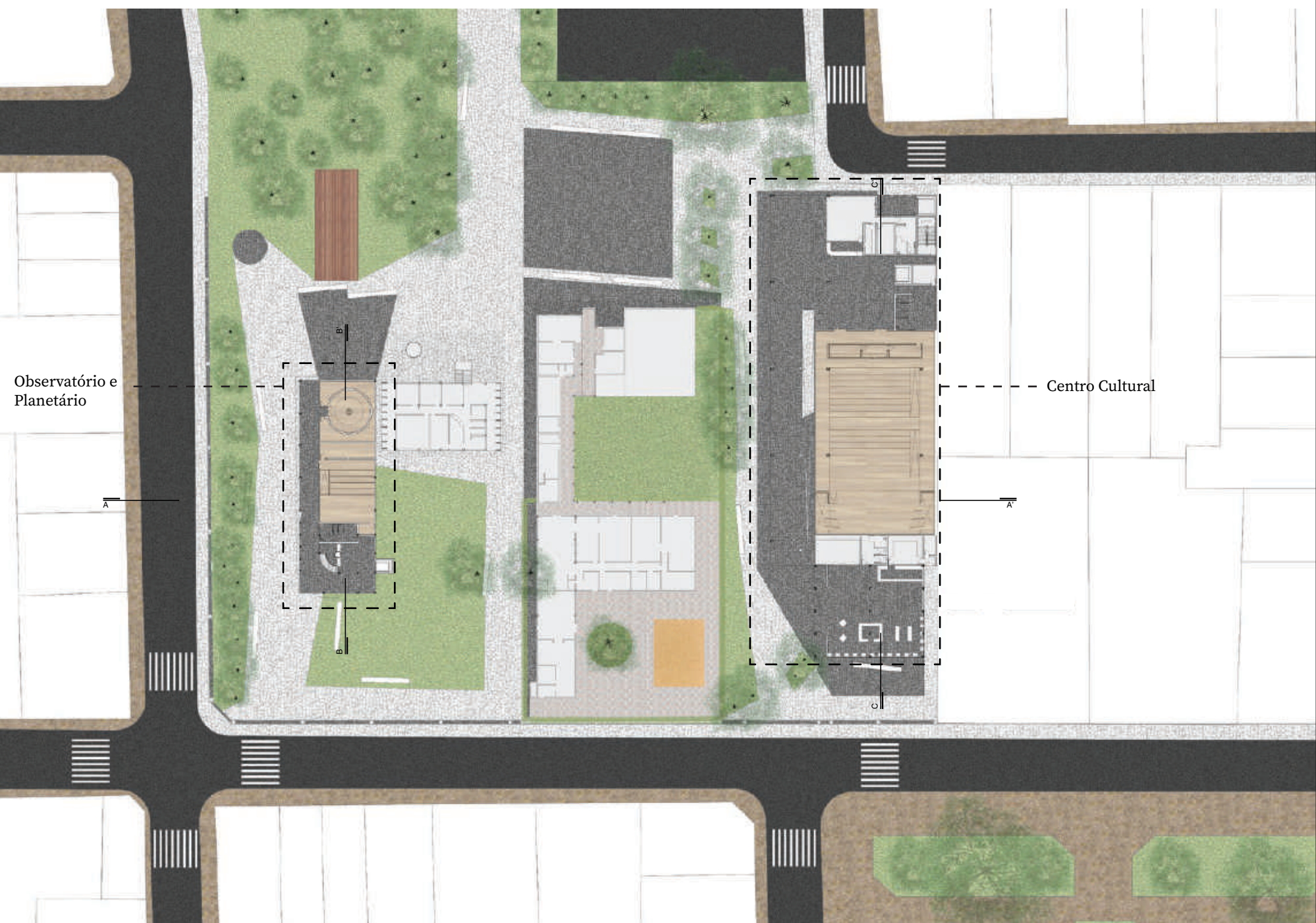
- 6**
- Operações nos volumes para criar as passagens e acessos.



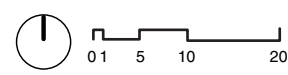
- 6**
- Novo desenho de piso, marcando os limites e conexões dos edifícios e do espaço público e instalação de brises horizontais nas fachadas dos novos edifícios.

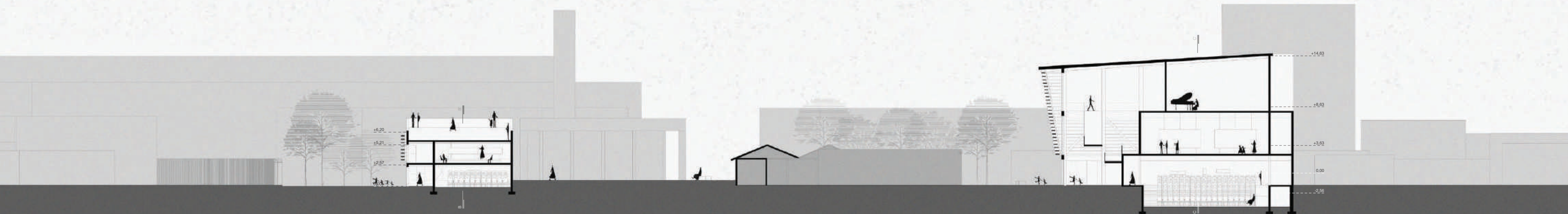
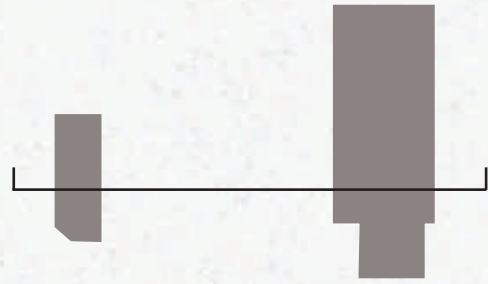
**perspectiva
aérea do projeto**



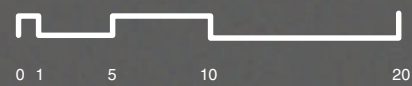


Implantação do projeto (térreo)





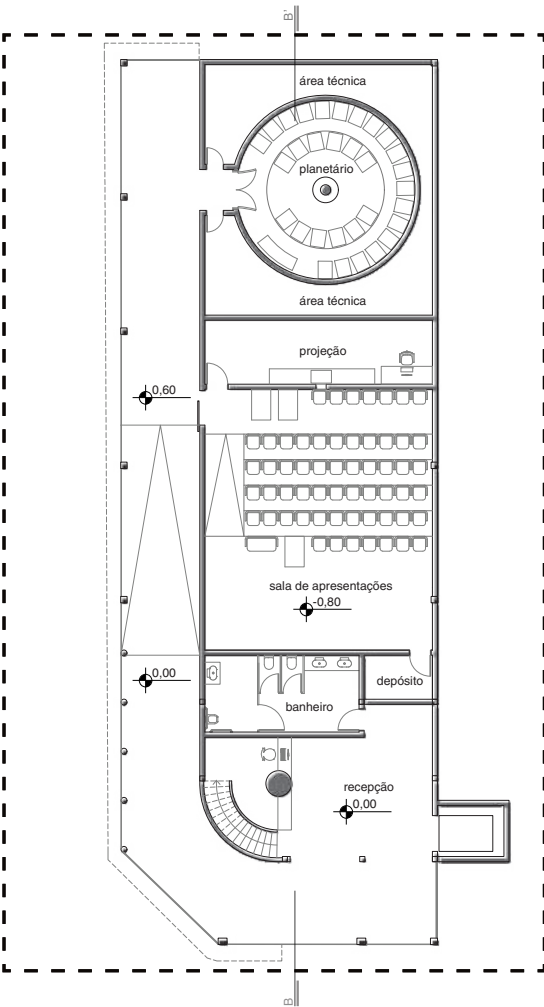
Corte AA'



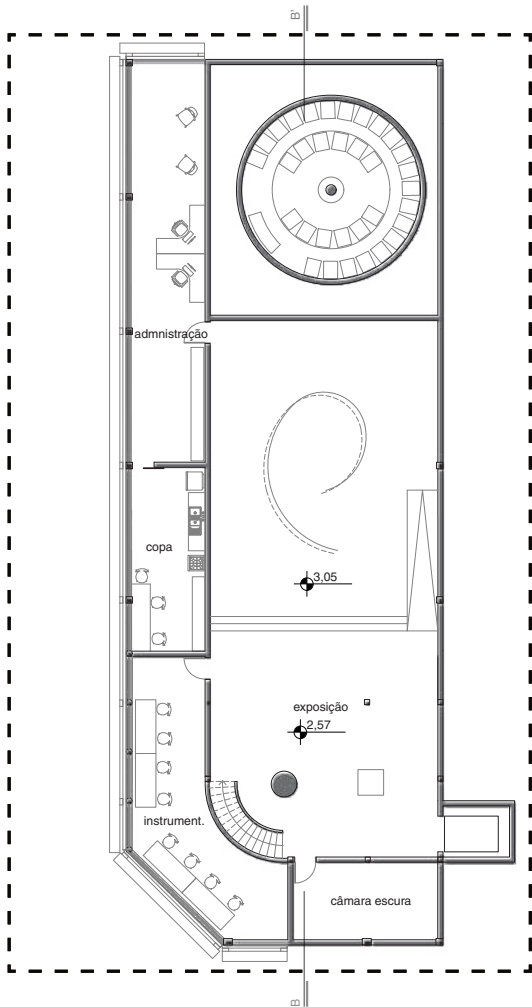
Térreo

1º pavimento

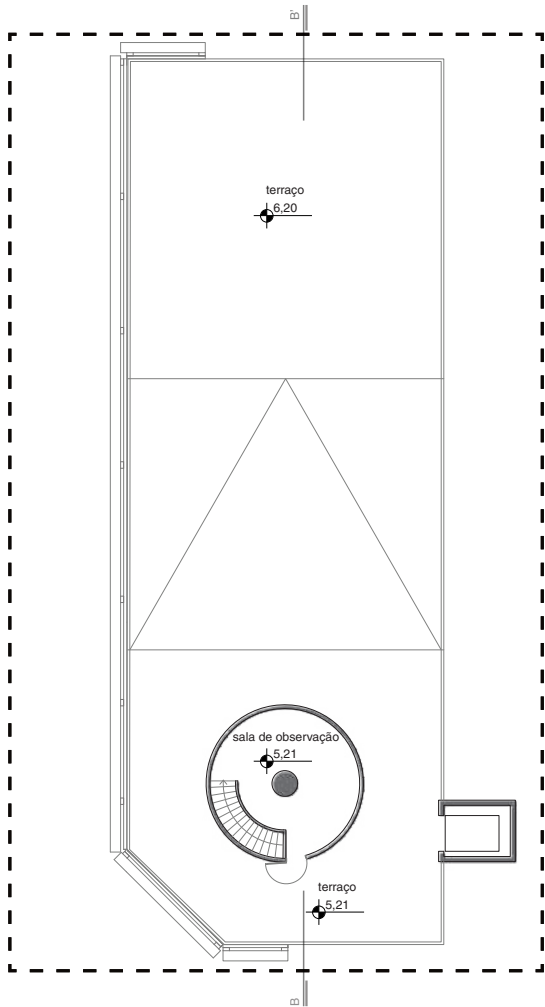
Terraço Observatório e Planetário



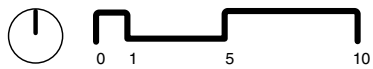
Observatório e Planetário

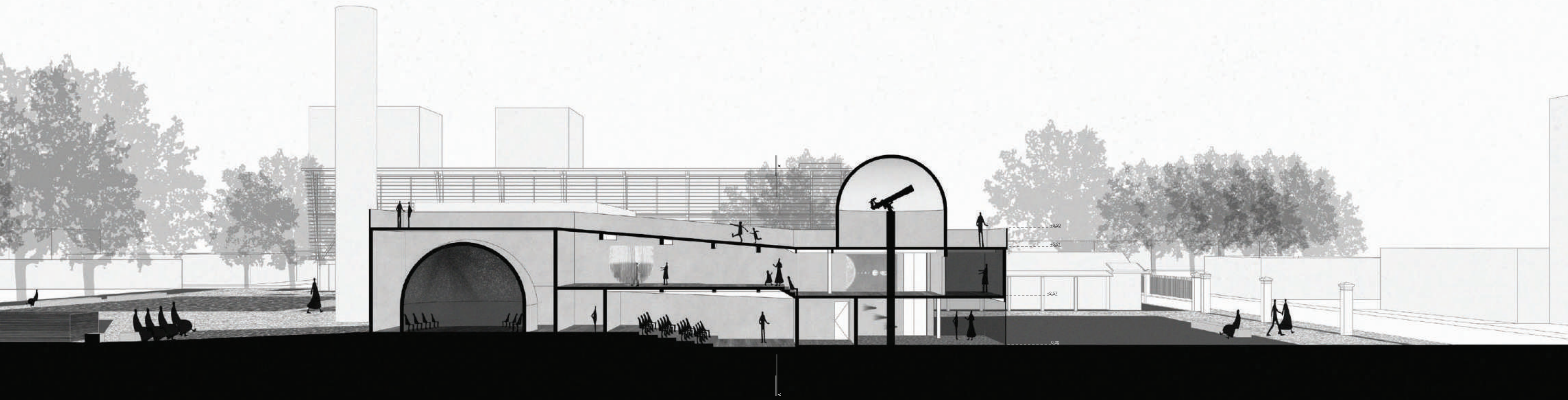


Observatório e Planetário



Observatório e Planetário

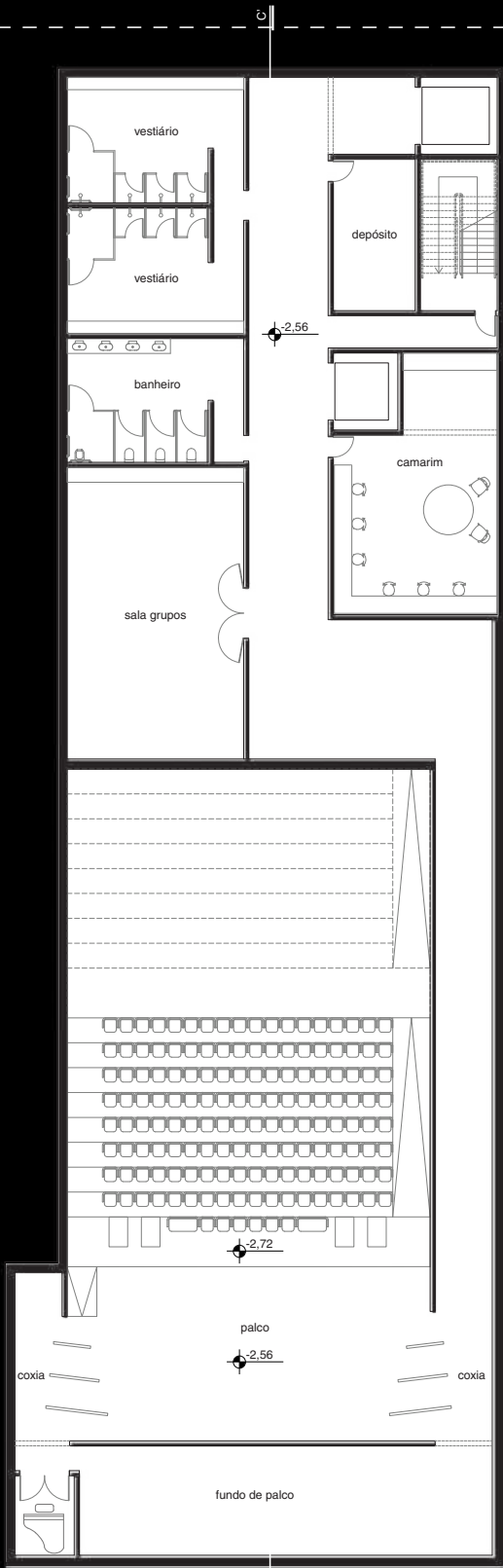




Corte BB'



Subsolo

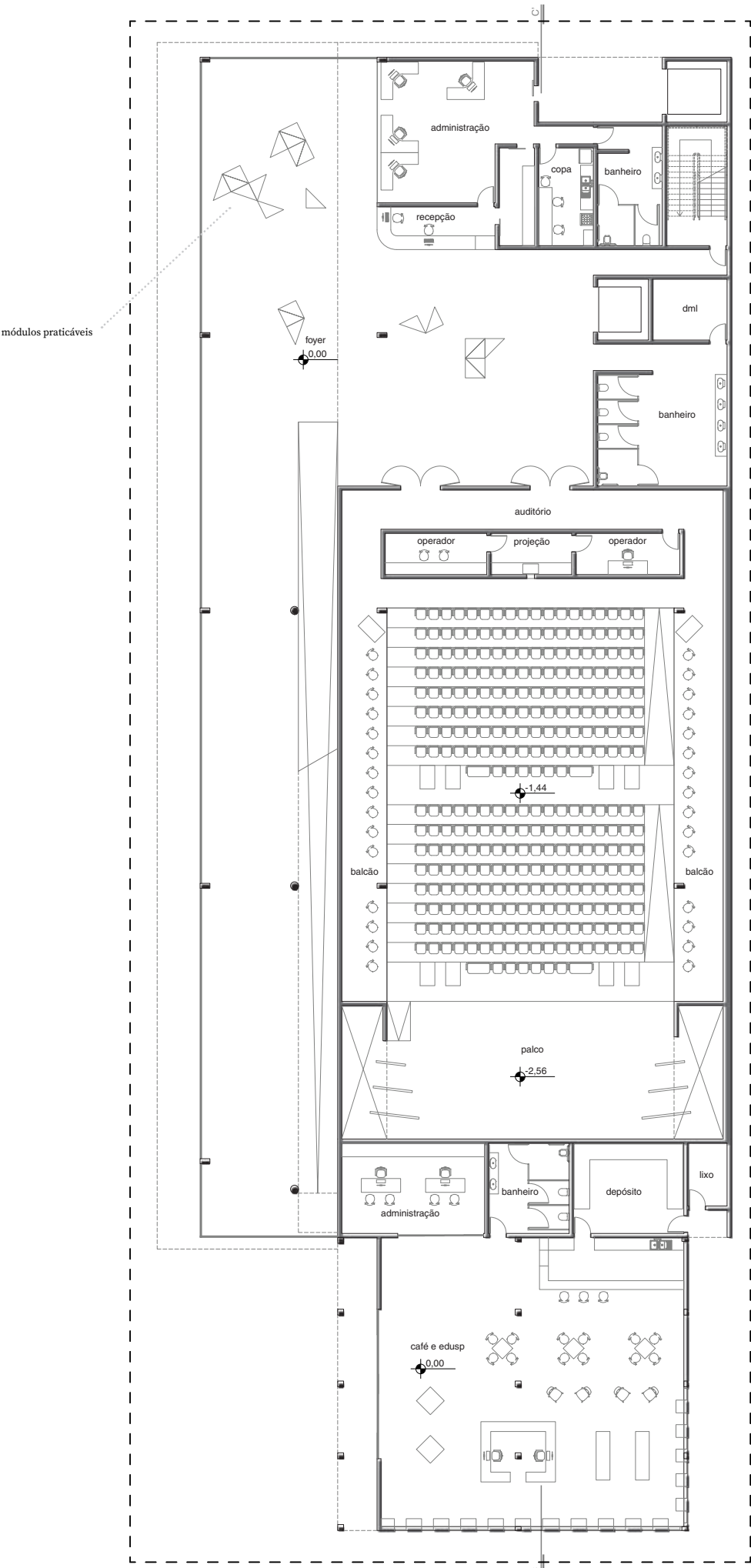


Centro Cultural



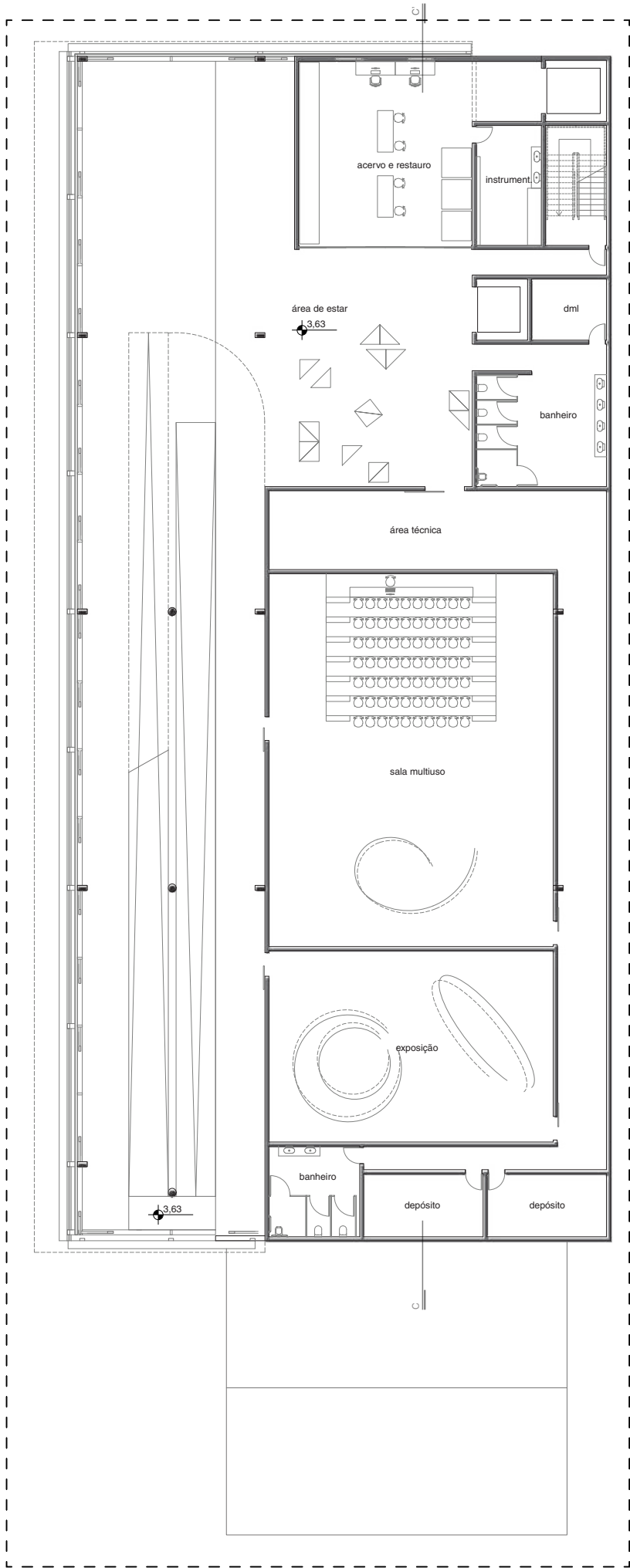
proposta

Térreo



Centro Cultural

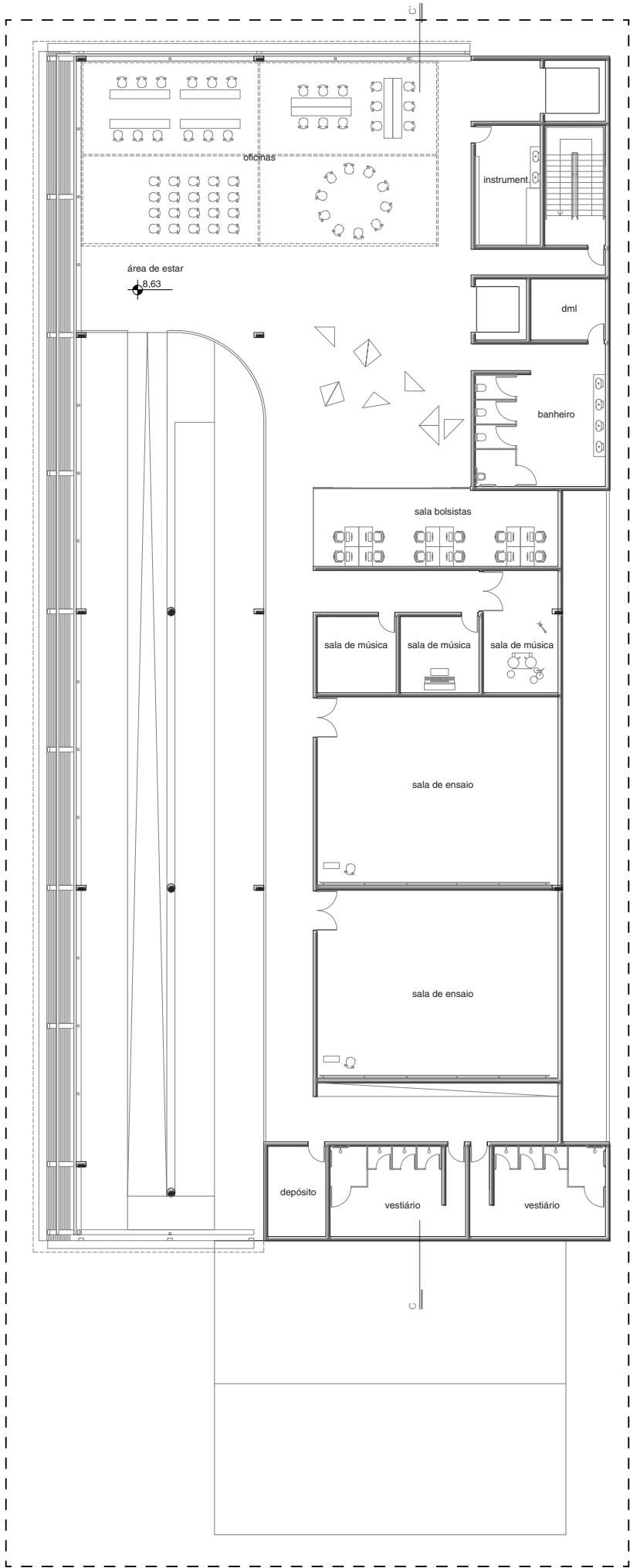
1º pavimento



Centro Cultural

proposta

2º pavimento Centro Cultural



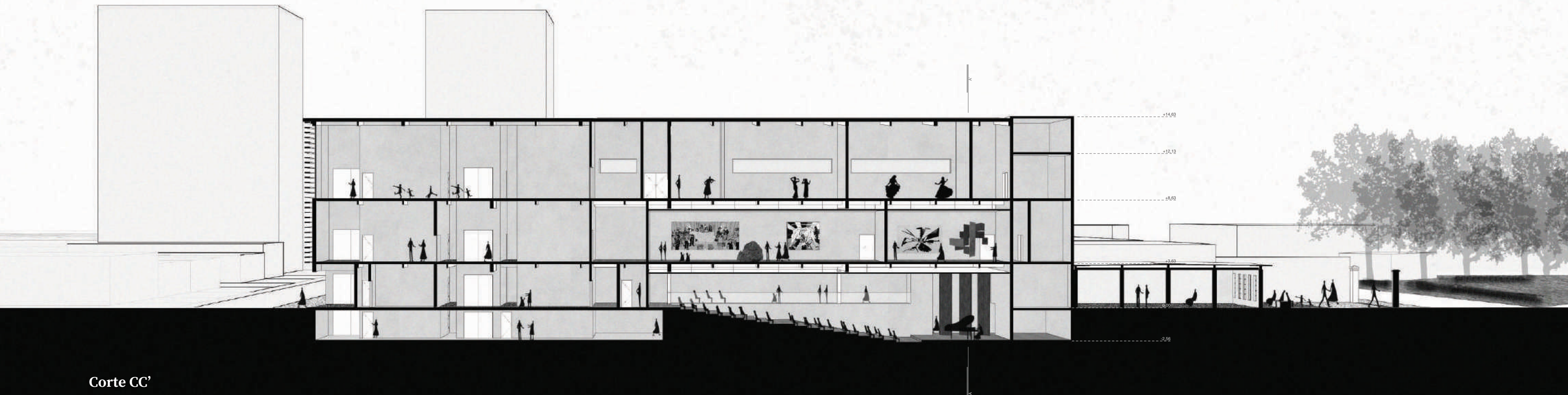
Centro Cultural





CAFÉ E EDUSP

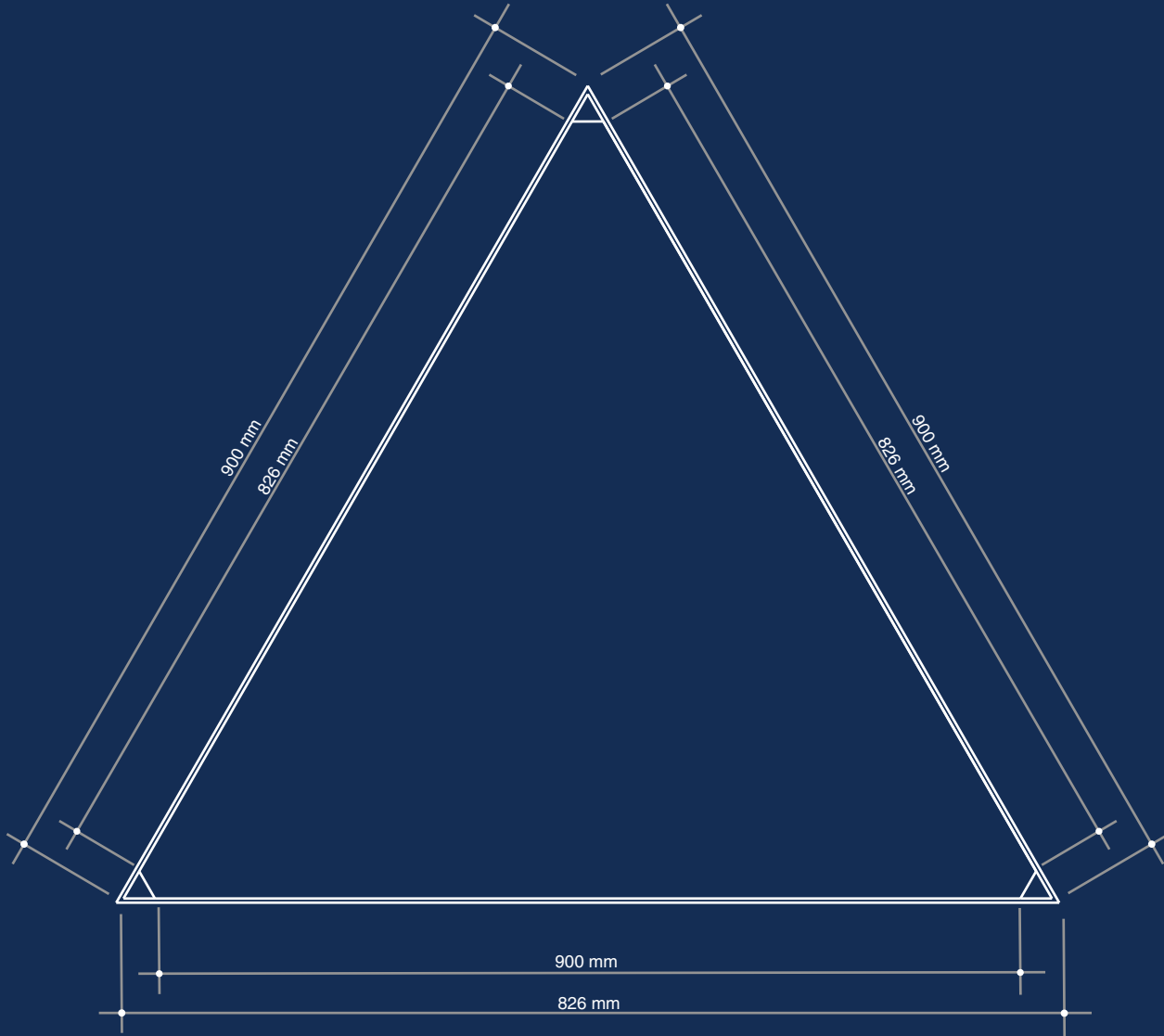
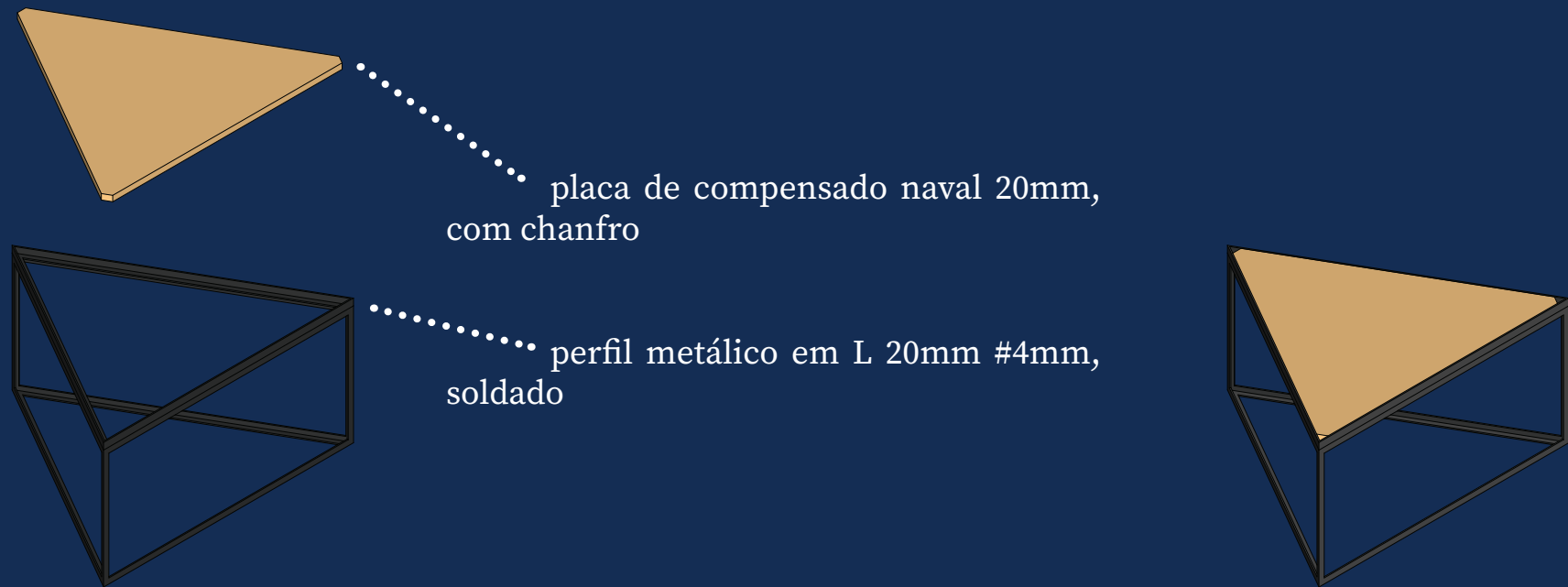
Centro Cultural



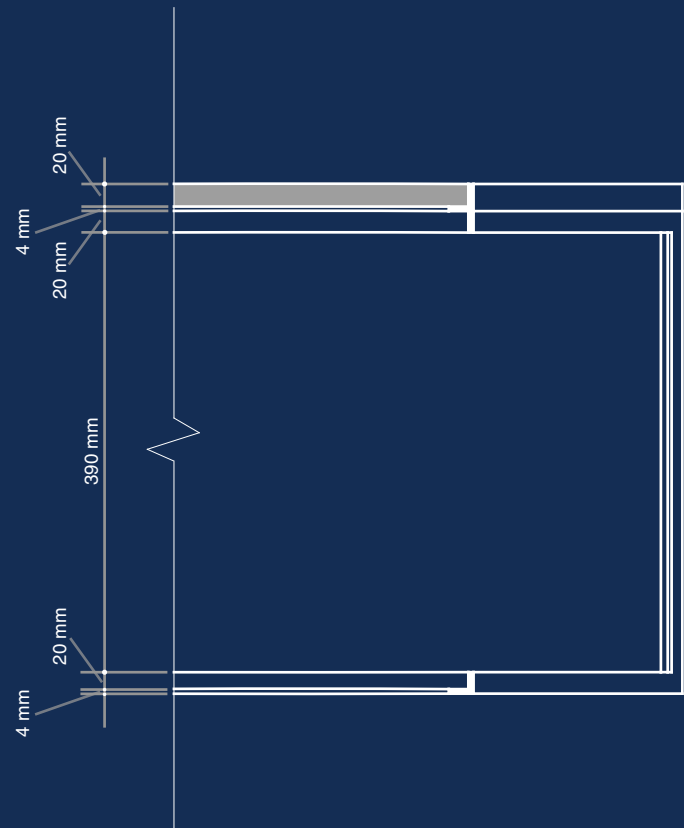
Corte CC'



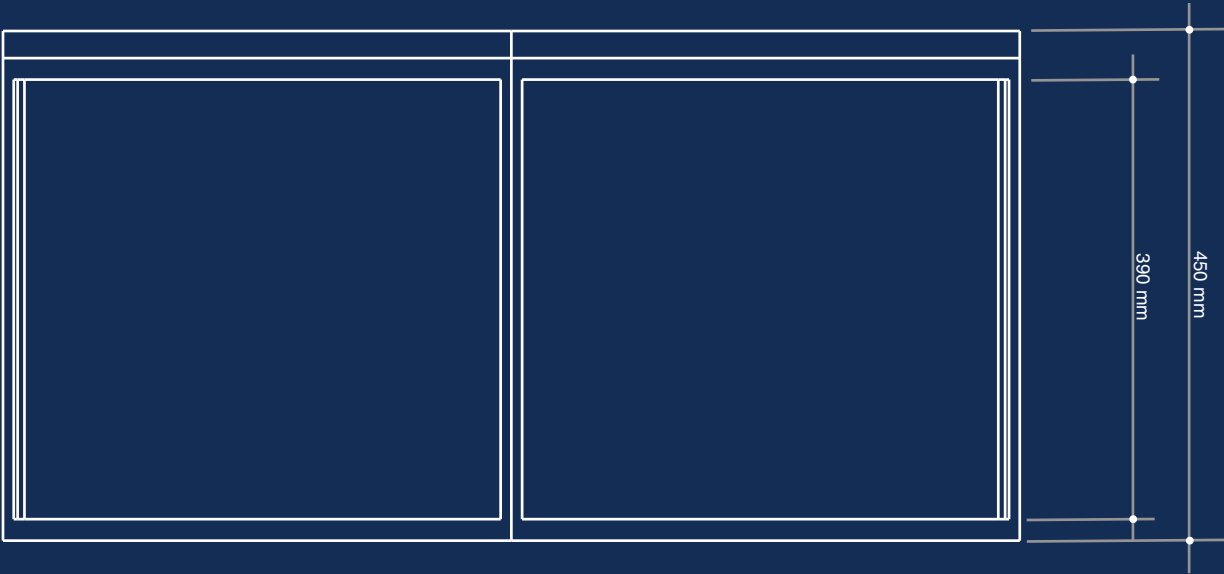
**detalhamento
módulos praticáveis**



Planta

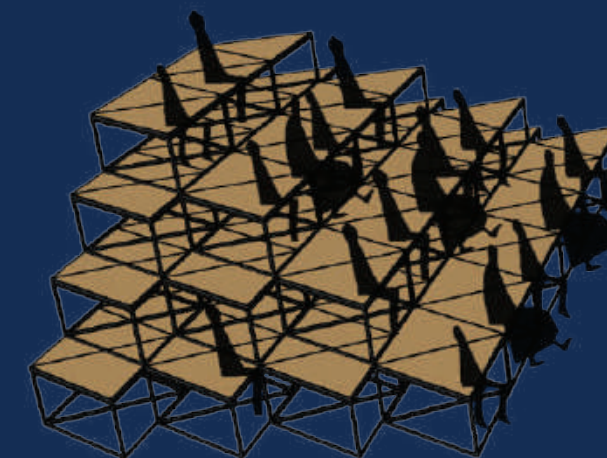
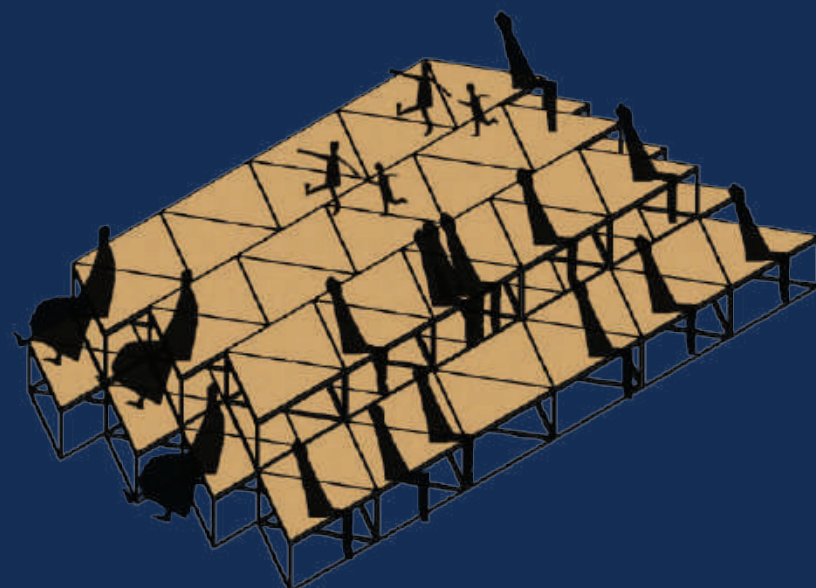
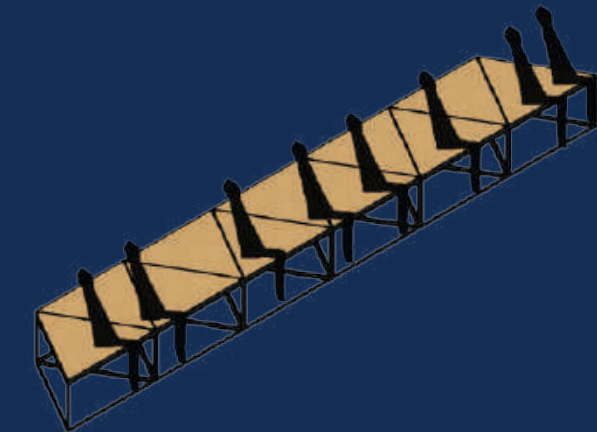
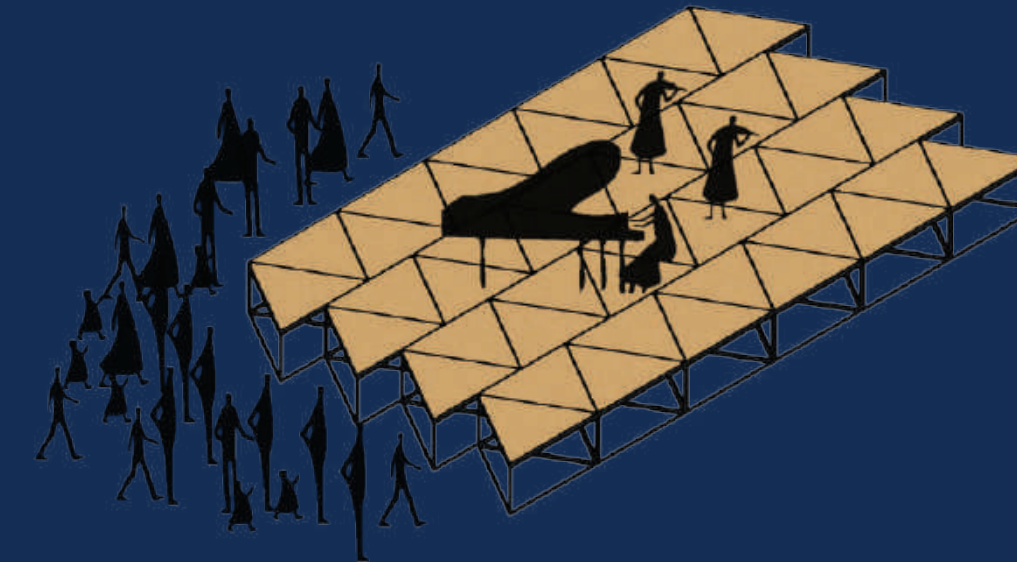
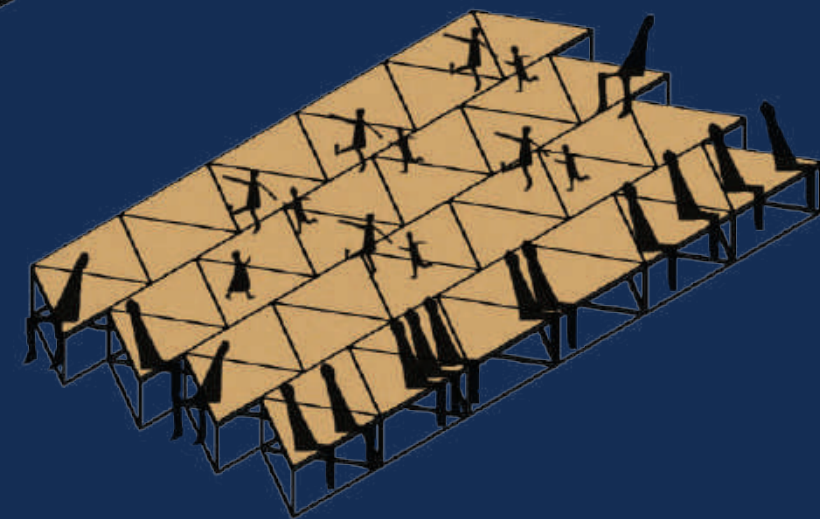
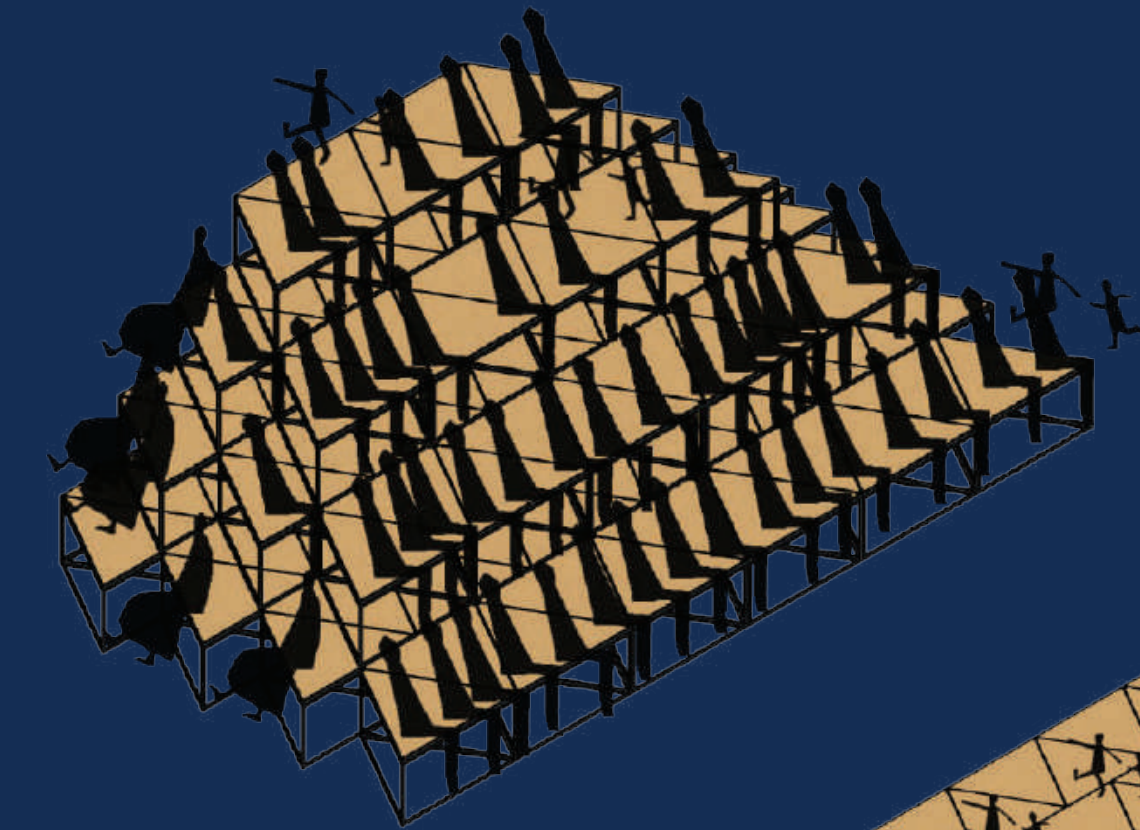


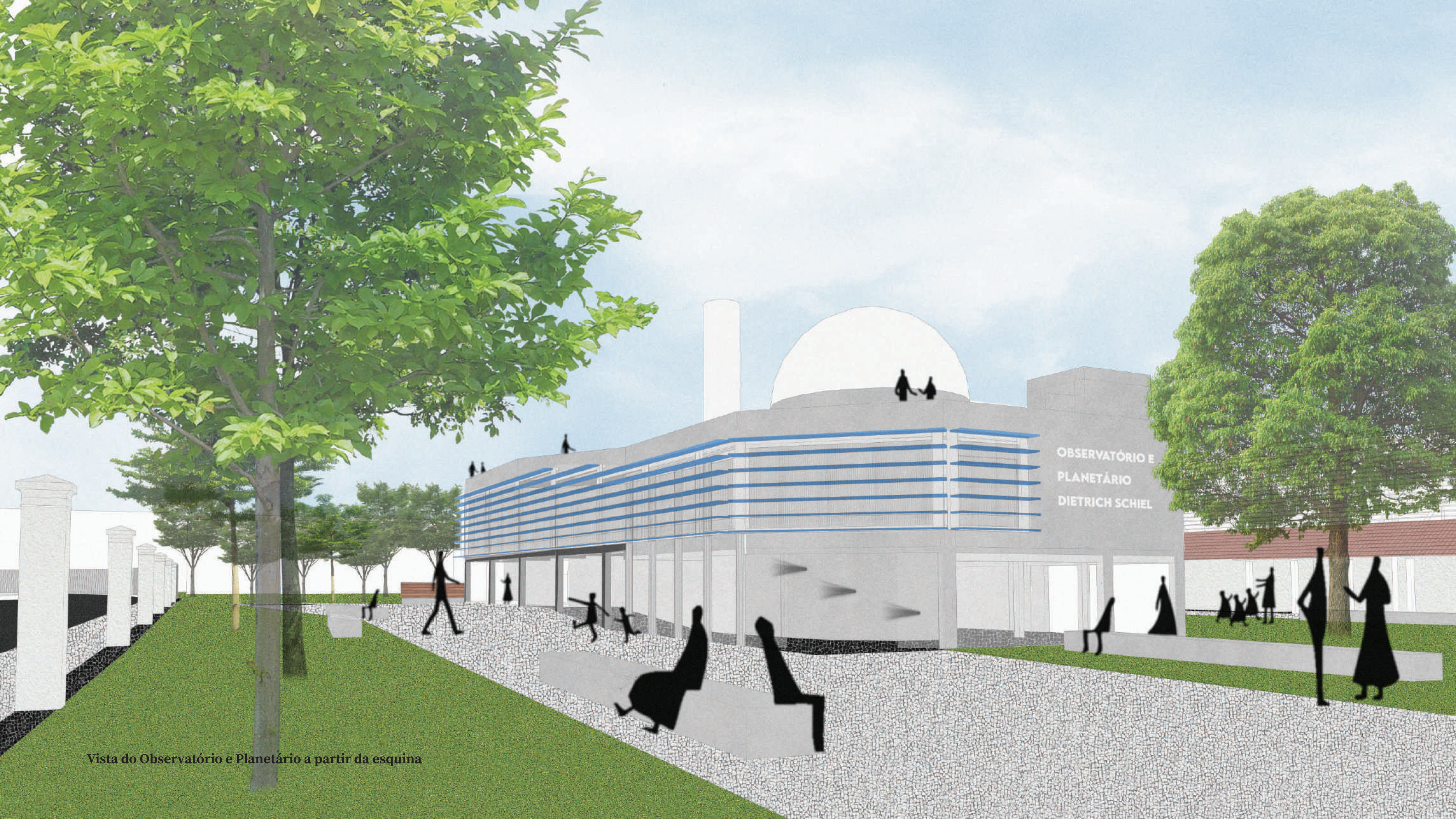
Corte



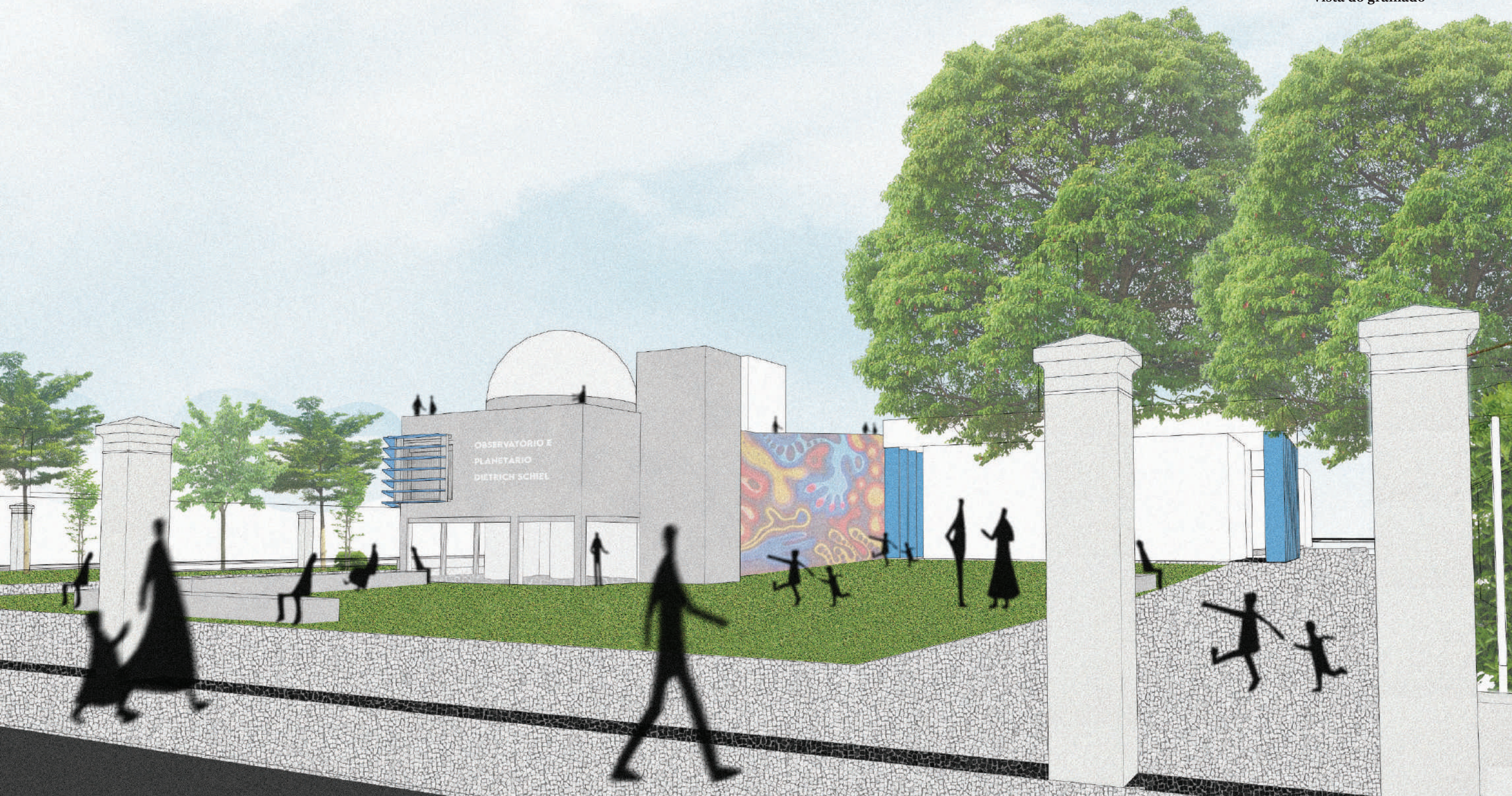
Vista

módulos praticáveis





Vista do Observatório e Planetário a partir da esquina





Vista do Centro Cultural a partir da Praça XV de novembro

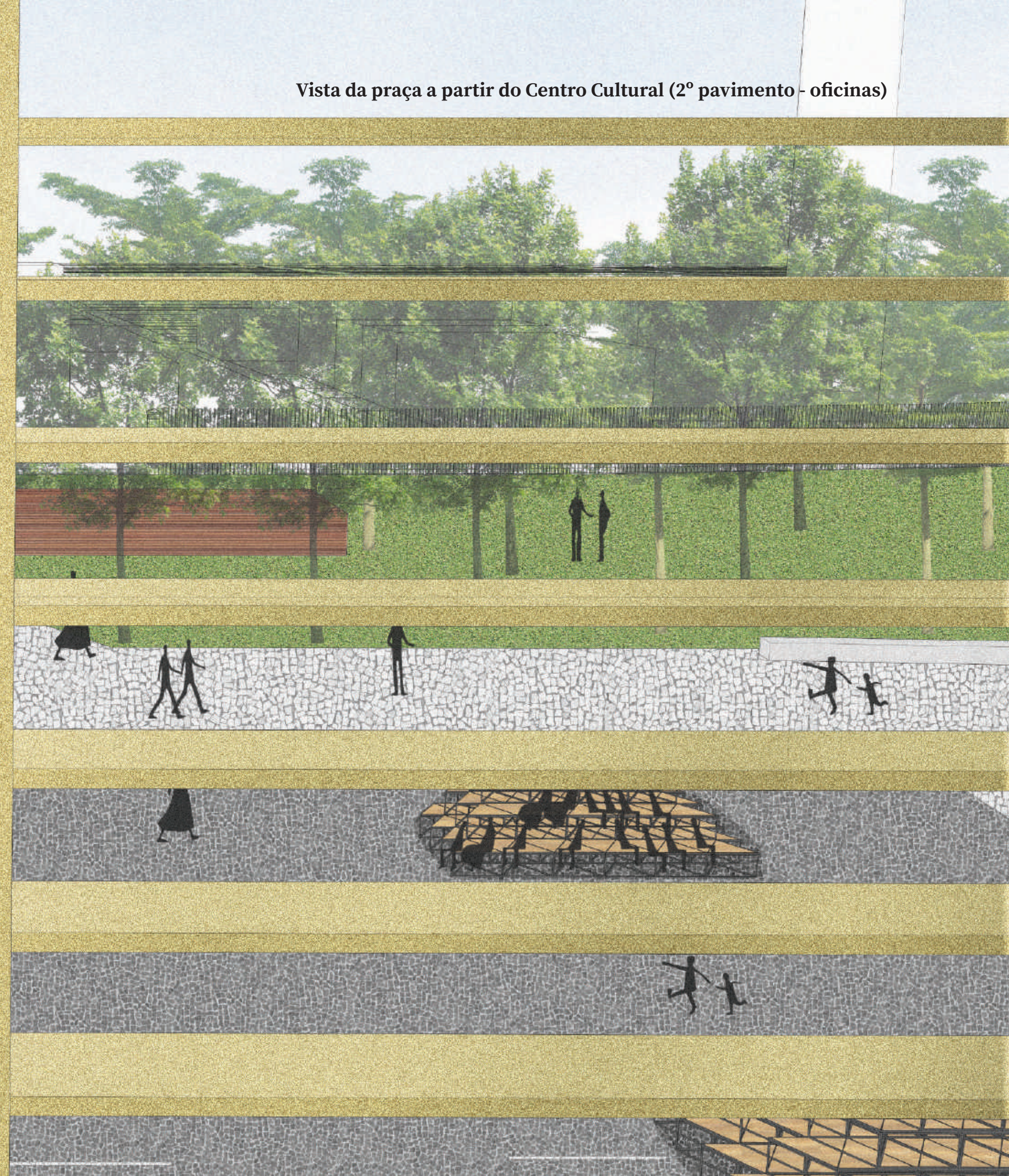
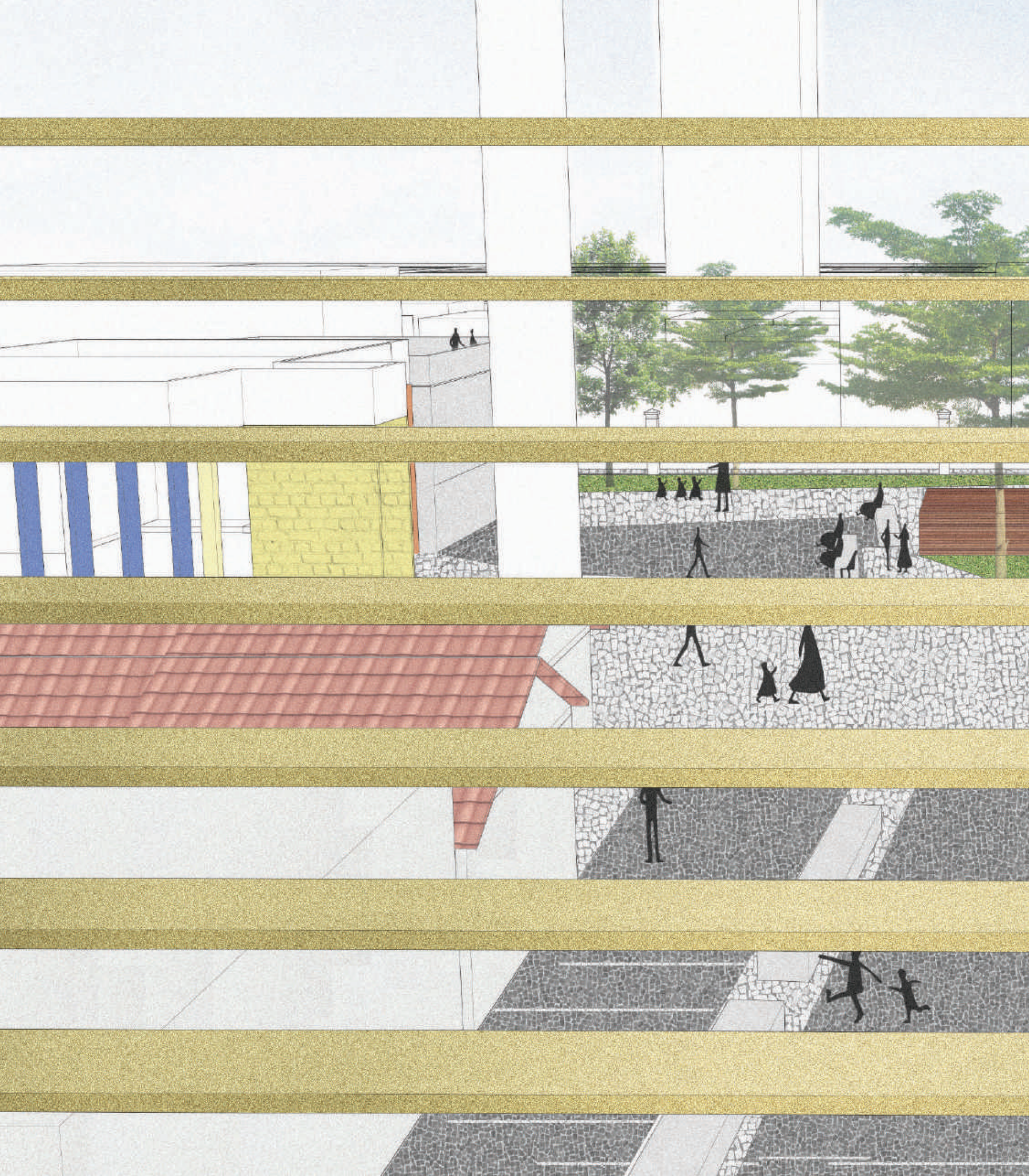
Vista interna do Centro Cultural (térreo)





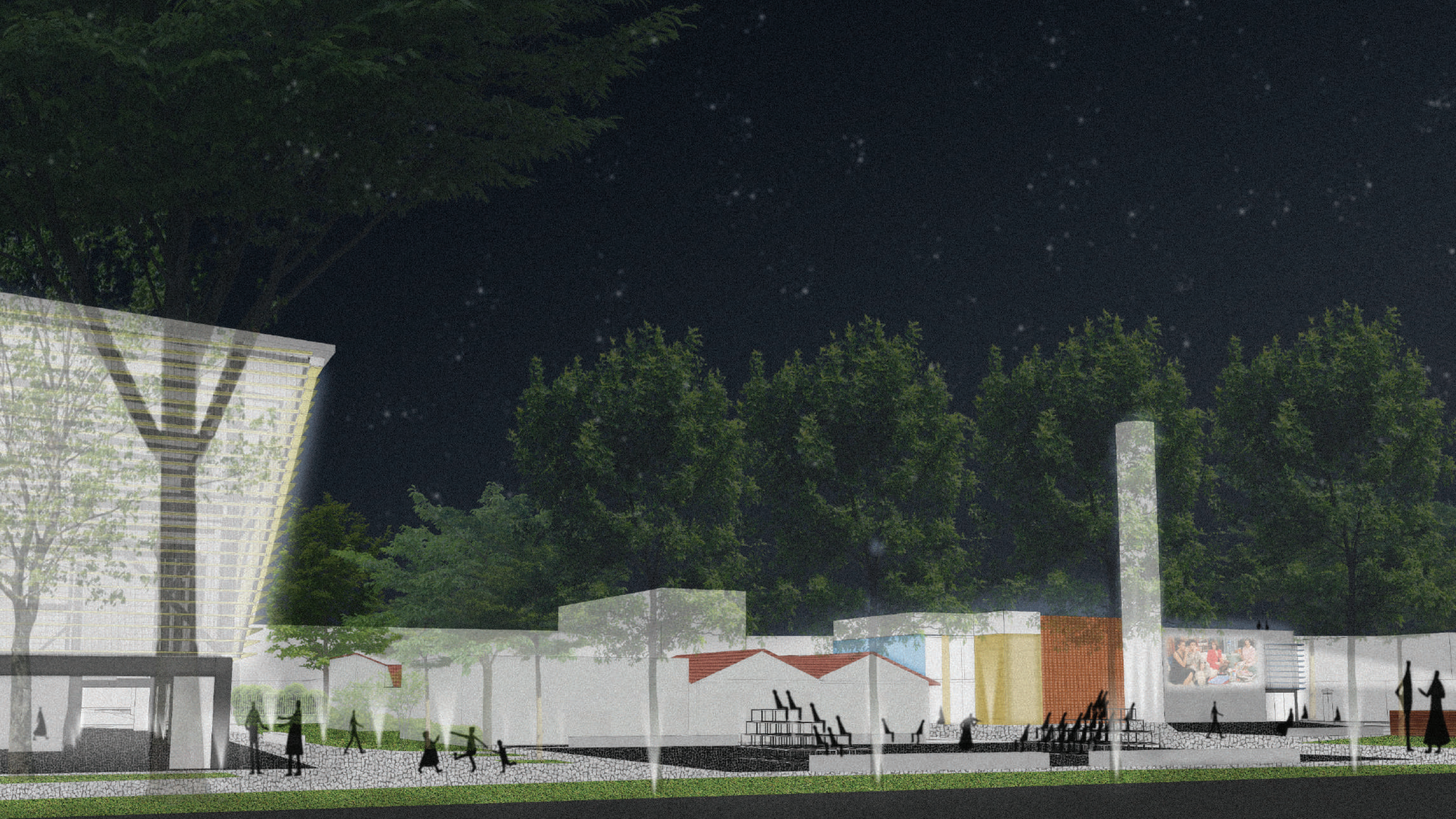
Vista interna do Centro Cultural (2º pavimento - oficinas)

Vista da praça a partir do Centro Cultural (2º pavimento - oficinas)



Vista da praça





REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. **Nuevas minorías, nuevos derechos**. 2015.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. 2003.

CALDERARI, Elaine Saraiva. **(Des) Continuidades e rupturas nos espaços urbanos contemporâneos. Reflexões sobre o papel dos novos campi universitários**. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo), Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2017.

CONTARIM, Fernando Abdo. **Pisa mais! marcando o arouche como território de memória queer**. Trabalho Final de Graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas. 2018.

HALL, Stuart. O papel da representação. In: **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HARVEY, David. **O DIREITO À CIDADE. A qualidade da vida urbana virou uma mercadoria. Há uma aura de liberdade de escolha de serviços, lazer e cultura – desde que se tenha dinheiro para pagar**. Folha de São Paulo, Revista Piauí. Julho de 2013. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-direito-a-cidade/>>. Acesso em: 18 de maio de 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

SÃO CARLOS. **LEI Nº 18.053, de dezembro de 2018**. Estabelece o Plano Diretor do Município de São Carlos, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/habitacao-morar/166049-plano-diretor-estrategico.html>>. Acesso em: 6 de junho de 2021.

LIMA, Renata Priore. **O processo e o (des)controle da expansão urbana de São Carlos (1857-1977)**. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo), Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Diversidade em convergência**. Matrizes, v.8, n.2, p.15-33, 2015.

OLIVEIRA, Joana D’Arc de. **Da senzala para onde? Negros e negras no pós-abolição em São Carlos-SP (1880-1910)**. São Carlos: FPMSC, 2018.

OLIVEIRA, Lúcia M. B. Sobre conquistas e tensões. In: **Estudos Avançados**. Institutos de Estudos Avançados, n.32 (93), 2018.

SIMABUKURO, Júlia. **Obras Públicas no Estado de São Paulo: (1934-1968) os edifícios da Universidade de São Paulo**. Pesquisa de Iniciação Científica (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orientador: Prof. Dr. Miguel Antonio Buzzar. 2020

TORO, Bernardo. **Viva Cultura Viva 1 - O que é cultura?** Youtube. 28 de novembro de 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lho_2OjFITk&ab_channel=VictorDias>. Acesso em: 25 de maio de 2021.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**. SP: Boitempo, 2007.

